

The background of the cover is a photograph showing the silhouette of a person standing next to a large tree. The person is looking towards the right. The sky is a clear, light blue. The tree's branches and leaves are visible in the upper right corner.

**NAU**  
EDITORA

# INFÂNCIA CRÔNICA

Raíza Venas • Rita Ribes (*Organização*)

Caroline Trapp de Queiroz • Cecília Schubsky  
Débora Soares • Fernanda Milanez • Juliana Viegas  
Luciana Bessa • Cristina Muniz • Núbia Santos  
Perseu Silva • Patrícia Desterro • Patrícia Trindade

# INFÂNCIA CRÔNICA

Raíza Venas • Rita Ribes

*(Organização)*

2ª edição

Rio de Janeiro

2025

**NAU**  
EDITORA

## SUMÁRIO

**Prefácio, 7**

Raíza Venas e Rita Ribes

***Verbetes: criança, 9***

Rita Ribes

***Dia das crianças, 11***

Caroline Trapp de Queiroz

***Em dia de Parada, 14***

Perseu Silva

***Pique-estátua, 16***

Núbia Santos

***Camburão negreiro, 18***

Perseu Silva

***O lugar e o menino sem lugar, 20***

Fernanda Milanez

***La casa de Papel(ão), 22***

Caroline Trapp de Queiroz

***A cidade que se muda das pessoas, 24***

Rita Ribes

***Meninos, 27***

Carol Trapp de Queiroz

***Quando chegar lá..., 29***

Juliana Viegas

***Leituras, 33***

Débora Soares

***Menina mulher, 34***

Patrícia Desterro

***Segredos, 35***

Rita Ribes

***Com maestria, 36***

Raíza Venas

***De novo!, 37***

Núbia Santos

***Janela do Quintal, 40***

Cecília Schubsky

***Convescote, 41***

Rita Ribes

***50% Menos, 43***

Fernanda Milanez

***Combo, 48***

Rita Ribes

***A pele que habito, 50***

Núbia Santos

***Faculdade de marketing, 53***

Juliana Viegas

***A feira, 54***

Patrícia Trindade

***Anjinhos, 56***

Juliana Viegas

***Do jeito que tá, do jeito que dá, 57***

Raíza Venas

***Inteiros, 59***

Patrícia Trindade

***Des-perdida, 61***

Raíza Venas

***Ir às compras, 63***

Rita Ribes

***Livros e panos, 65***

Fernanda Milanez

***Encontro, 68***

Cristina Muniz

***O pequeno notável, 73***

Raíza Venas

***Objeto de Museu, 76***

Patrícia Desterro

***Sessão de cinema, 78***

Luciana Bessa

***Pipocas, 81***

Rita Ribes

***CEP, 82***

Caroline Trapp de Queiroz

***Sem nome, 84***

Rita Ribes

***Autores, 85***

***Posfácio, 88***

Gilka Girardello

*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir  
entre os grandes e os pequenos, leva em conta a  
verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser  
considerado perdido para a história.*

Walter Benjamin

# PREFÁCIO

Raíza Venas

Rita Ribes

Convidar o leitor a sensibilizar-se com a presença das crianças no cotidiano é a proposta deste livro. As crônicas que o compõem foram produzidas no projeto de pesquisa “Fisionomias da infância: experiências cotidianas, alteridades e deslocamentos”, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e financiado pelo CNPq. Sua escrita é fruto de atenta observação cotidiana pelos membros do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea, implicados em estudar a infância em suas muitas facetas e fisionomias. Com um histórico de 20 anos de pesquisa e vasta produção acadêmica, é a primeira vez que o Grupo de Pesquisa se lança ao desafio nada fácil da escrita literária. Crônicas-garatujas, ainda desfraldando-se em seus primeiros rabiscos. Crônicas como um gênero discursivo literário. Crônicas como registro de pesquisa. Ampara-nos nesta produção Walter Benjamin, autor que compreendia o cronista como um historiador do cotidiano, como um sujeito imbuído em eternizar o instante de uma cena cotidiana ao transformá-la em questão filosófica, tensionando as experiências que acontecem no miúdo com a grandeza da história e da cultura. Também Antônio Cândido, para quem a literatura é uma forma de teoria social, a crônica é um gênero que humaniza, na medida em que busca a intimidade com a vida de cada um, e o cronista, um ser intimamente atento à vida que se produz ao rés-do-chão. As 35 crônicas aqui reunidas procuram falar

da infância de perto, íntima e despretensiosamente, num gênero discursivo cuja substância é a simplicidade. No entanto, pretensiosamente, entendemos que é também na simplicidade da vida cotidiana que se funda a dimensão política da infância. Mais que ter as crianças como objeto das crônicas aqui apresentadas, nosso intuito é fomentar a construção de uma história que se saiba incompleta se não incluir sua voz e suas perspectivas de olhar.

**Raíza Venas**  
**Rita Ribes**



## VERBETE: CRIANÇA

Rita Ribes

Numa Cinelândia já praticamente sem cinemas, dois meninos e uma menina alternavam empurrões e gargalhadas capturando a atenção dos passageiros do metrô que emergiam à superfície da calçada trazidos pela escada rolante. Os fantasmas – tão presentes nas narrativas dos guias aos visitantes – conduziam a brincadeira nas escadarias da Biblioteca Nacional. “O fantasma vai te pegar!”, “Tá na casa do fantasma!”, “Ele tá te olhando lá da janela!”... Depois de repetirem algumas vezes a brincadeira, sentaram-se, extenuados, junto ao centenário portão, compartilhando uma paçoca subtraída da caixa que, entre uma risada e outra, estendiam aos transeuntes, tentando vender.

Por instantes, supus testemunhar um rasgo na estrutura capitalista, pois, abalando a tese sobre os “meninos-de-água-na-boca”, aqueles que alienadamente vendem doces sem poder sequer prová-los, foi a primeira vez que vi crianças saboreando os doces que vendem. E essa teria sido a redentora imagem que gravaria em minhas retinas no curto tempo em que os vi, não fosse o meu olhar desviado por um grupo de escolares que chegavam numa van, bem ali na esquina, e que, com a ajuda de três professoras e dois guardas de trânsito, caminhavam enfileirados junto à mureta da Biblioteca, as mãos postas no ombro do colega da frente. Todos com o uniforme da escola particular e uma pequena lancheira atravessada no peito. Caminhar naquelas condições era realmente uma proeza.

Ao perceber os meninos que saboreavam a paçoca, com suas roupas e cabelos um tanto desgrenhados das muitas noites mal dormidas, mãos e rostos empretecidos pela sujeira acumulada das desigualdades, uma das professoras, lá do final da fila, gritou ao policial que abria caminhos na calçada: “Tira eles dali pras crianças poderem passar”. Fui tomada por aquele ímpeto que transforma a dor da injustiça no estopim da luta e, já ensaiando as primeiras frases de revolta, prenciei que ali haveria um confronto.

Mas o que seguiu foi um profundo silêncio, quebrado, talvez, pelos empurrões dos fantasmas a conferir tal verbete na sua Biblioteca, ou, quem sabe, pelo estalido seco do fechar dos livros que preferiam alimentar os seus fantasmas. Automaticamente, os meninos que brincavam nas escadarias da Biblioteca atravessaram para a calçada central da Cinelândia onde outros tantos como eles ainda dormiam pelos bancos ou ao pé das históricas estátuas. Os escolares, por sua vez, seguiram tropegamente enfileirados rumo ao portão da Biblioteca. Cada grupo, espantado, sem tirar os olhos do outro, encarando-se minuciosamente.

Foi quando o Veículo Leve sobre Trilhos, símbolo das modernidades locais, também silenciosamente, encarregou-se de desenhar a linha abissal.

# DIA DAS CRIANÇAS

Caroline Trapp de Queiroz

Alguns dos mais importantes encontros da vida acontecem dentro do transporte coletivo. Nele nos relacionamos com a concretude do mundo sem filtros. Tem de tudo! Vendedores de balas, salaminhos, fones de ouvido, lanternas de LED e chaves de fenda. Famílias com a bíblia debaixo do braço rumo à igreja, homens em seus ternos bem alinhados rumo ao serviço, mulheres superproduzidas rumo à noite, molecada de isopor e guarda-sol rumo à praia... e crianças. Em todas as composições possíveis, há crianças. Da bala à chave de fenda. Da igreja à noite. Do lazer ao trabalho.

Hoje não seria diferente, sobretudo porque hoje é dia das crianças. No terceiro banco do ônibus onde estou, uma menina de vestido roxo e laço branco no cabelo não contém a expectativa de chegar ao circo. Entre os olhares lançados rapidamente à paisagem e os risos que não cabem dentro de si, tamanha a animação, ela indaga à mãe, com a exata periodicidade de 60 segundos: “já tá perto?”... “tá chegando?”... “é agora, mãeee?”... A mãe responde, num estado de irritação condescendente: “Calma, Luana! Eu, hein? Tem que ter paciência! Isso daqui não é táxi, não!”

Quatro bancos atrás, dois irmãos disputam a abertura dos presentes, rasgando os embrulhos, como se disso dependessem suas vidas. O olhar atento e cansado da mãe, que se espreme no banco para caberem os três no espaço de duas pessoas, acompanha cada movimento dos filhos. “Júnior, deixa ela! Se o papel é rosa, não é seu!” – intervém. A irmã quer sempre o

brinquedo que está na mão do irmão mais velho, que parece não se importar, transferindo imediatamente sua atenção para outro brinquedo, até que este seja reivindicado pela irmã. Já está tão acostumado à situação que sabe exatamente o que fazer para irritá-la: prender o brinquedo atrás de seu corpo, impossibilitando que ela o alcance. Ela chora. A mãe dá bronca. E ele ri. Nossos olhares se cruzam, na cumplicidade de quem parece saber que também eu já sorri o sorriso dos irmãos mais velhos.

O ônibus para no sinal e olho pela janela, de onde vejo outra criança. Um menino negro, magro e comprido, que, na minha família, seria facilmente identificado como vivendo a fase em que as crianças dão “aquela esticada”. Lá pelos 10 anos de idade. Numa das mãos, ele segura três bolas verdes, daquelas de tênis, que são ótimas para fazer malabares. Na outra, uma caixa de sapato embrulhada com papel de presente. Ele está do lado de fora do ônibus. Na rua. Sozinho. À sua frente, também parada no sinal, está uma *Ranger* de cor prata. O carro tem, praticamente, o dobro da altura do menino, que conversa e gesticula. Gesticula e conversa. Quem lhe empresta ouvidos, no entanto, não é o motorista da *Ranger*, mas seus vidros. Escuros e fechados. O reflexo que deles emana devolve ao menino sua imagem, como que para lembrá-lo de sua própria existência. Ou da ausência do outro. Os sinais abrem e o ônibus e a *Ranger* dão partida, rumo aos seus destinos – diametralmente opostos, não é risco dizer.

O menino retorna à calçada, debaixo do típico sol carioca de 35 graus e se senta, aparentemente aguardando mais um sinal fechado... na esperança de que haja alguém do lado de dentro do próximo carro. Ao voltar a atenção para o coletivo, sou surpreendida pelo olhar de outro menino, que emerge parado em pé na porta do ônibus, bem à minha frente, e que

descubro ter me acompanhado na observação da cena. Na potência do olhar de quem praticamente lê pensamentos, ele me convoca a assumir que o dia das crianças é realidade apenas para aquelas que conseguem transpor janelas, mas, paradoxalmente, na pactuação de um silêncio profundamente gritante, sustentamos a certeza de que nós, nesse miúdo de quem tenta limpar bem os próprios vidros, não estamos sozinhos.

## EM DIA DE PARADA...

Perseu Silva

Ela corria de um lado para o outro em volta do pai. Parecia ter, no máximo, 4 anos de idade. Era um dia de domingo. Para quem olhasse rapidamente, a Avenida Atlântica estaria tomada de cores e de afetos. Os trios da 23ª Parada do Orgulho LGBTQI desfilavam na pista mais próxima à areia da praia. A pista lateral seguia também lotada. Música alta, beijos na boca, os corpos dissidentes ocupavam a rua.

Assim que cheguei na Parada, revivi o que tenho passado em todas as últimas edições do evento: a polícia correndo atrás de meninos e jovens que roubavam no meio da multidão. Eram quase todos pretos. Tanto os meninos quanto os policiais. Eram todos pobres. E todos sabem como se tratam os pobres. E todos sabem como se tratam os pretos.

Aquelas cenas do racismo à brasileira de todos os dias eram interrompidas por outros meninos e jovens também pretos. Uns empurravam seus carrinhos vendendo cerveja e água. Outros, churrasquinho. Entre eles e a multidão, outros meninos pretos – e aqui eram só os pequenos pretos mesmo – passavam roçando sacos transparentes cheios de latas amassadas, recolhendo do chão o que os ajuda a ter alguma renda e a se manter vivos. Desde cedo, precisamos aprender a sobreviver.

De repente, em meio a toda essa contradição do capitalismo selvagem, aquela menina, também preta, fantasiada de cisne negro, com seu cabelo cacheado, dilacerava meu nó na garganta. Com seu corpo livre bailando e brincando. Estavam

os dois: pai e filha desfilando contra o ódio. Ela ria, mexia com o pai. Ele sempre atencioso com ela, que seguia a pé, de mãos soltas, em meio à Parada. E foi quando cruzaram de frente comigo que meus olhos lacrimejaram. O pai carregava um cartaz escrito: “Minha filha não foi uma fraquejada”. Ela estava com um adesivo: #EleNão.

O ato seguia. A festa seguia. E, como todos os dias, seguíamos todas e todos na contradição que é a vida.

## PIQUE-ESTÁTUA

Núbia Santos

Era preta a mão que batia de leve na vitrine da loja de sapatos no *shopping*. O dedo da criança apontava para um tênis colorido de marca pouco conhecida, ou que, de tão conhecida, não me era possível reconhecer. Eram três meninos negros. Bermudas coloridas, camisetas maiores do que seu tamanho, chinelos de dedo sujos de lama. Além da sujeira, três coisas os diferenciavam dos outros meninos que também circulavam livremente por ali, alheios uns aos outros: a cor da pele, o boné de um deles e o olhar do segurança armado e de uniforme preto, que os observava atentamente com as duas mãos na cintura.

Eles? Caminham a passos lentos, olhando as vitrines e parando em frente às lojas, como numa brincadeira de pique-estátua macabra com o segurança, pois este só cessava de avançar quando eles paravam. Corpos virados para a loja, nunca passando a barreira da porta, as cabeças viravam insistentemente para trás, para se certificarem de que o jogo macabro continuava. O menino menor não aparentava mais do que oito anos e, apertando um dos braços, demonstrava apreensão. Os outros deviam ter entre dez e doze anos. Faziam cócegas uns nos outros e riam deliberadamente em exagero.

Era branco o homem idoso com quem se depararam... Também de bermuda colorida e, também, de chinelos de dedo, olhava distraidamente o celular quando, como que num impulso, se assusta, para e recua como animal selvagem com medo do desconhecido. Os meninos o encaram, os olhos se encontram. É visível o descontentamento do idoso, que segue



agora andando de costas sem tirar os olhos dos garotos. O olhar agressivo do idoso encontra o olhar cúmplice do segurança. Como num outro jogo macabro de imitação, assume a mesma postura de seu aliado: mãos na cintura, corpo rígido. Um ao lado do outro, observam os meninos que seguem andando morosamente. Olhando para trás, os garotos encaram aqueles dois homens. A expressão do idoso é de ódio. Na expressão dos meninos, os sorrisos nervosos dão lugar ao escárnio.

É então que o menino menor para. Agora é o seu corpo que está rígido. Coloca as duas mãos na cintura, levanta uma das mãos em forma de arma, aponta para o homem idoso, fecha um dos olhos para não errar a mira e atira, certamente, com um assobio mudo. Vai andando de costas, bem devagar, até sumir junto com os outros na asséptica e bem iluminada encruzilhada do *shopping*, de onde seguem em direção à saída.

# CAMBURÃO NEGREIRO

Perseu Silva

Estamos em uma plena tarde de domingo. Eu ia para um aniversário. Botafogo tinha parte do comércio fechada. As pessoas estavam pelas ruas andando. Algumas levavam seus muito bem tratados cachorros para passear. Era, definitivamente, uma tarde de domingo, com sua doce harmonia, trazida pela típica brisa de outono.

Eu tinha acabado de sair de casa. Seguia tranquilo, como deveria ser para todo mundo em um dia de domingo. Mas algo rompeu aquela suposta naturalidade dominical. Que horror! Que cena infame! Eram dois corpos negros. Dois meninos pretos. Óbvio, são sempre os nossos corpos navegando para o camburão. A cena rasgou o meu caminho, talvez porque fosse preciso lembrar de como os corpos negros são tratados. E desde criança. Às vezes, antes mesmo de nascer.

Que cena vil! Eram apenas dois meninos. Pareciam ter por volta de 10 anos de idade. Um deles sem camisa, preto retinto. O outro de pele mais clara, como a minha. Saíam da delegacia com uns quatro ou cinco policiais em volta. Cada um escoltado mais de perto por um desses policiais. Cortaram a minha frente como um pesadelo que atravessa a noite e nos acorda de supetão. Era loucura? Era verdade? Era um soco no estômago.

O preto mais claro, com seu corpo mirrado, tinha as mãos para trás, como se estivesse algemado. Filhos de África, desembarcamos no Brasil forçados pela crueldade da

escravidão. E, desde então, já nascemos algemados. Presos nos elos de uma mesma corrente.

Cruzei o mais rápido que pude. Mas fiquei desnortado. Olhei para trás e a carroceria do camburão se abria. Escura, infecta, apertada, imunda. Como os porões dos navios negreiros. E todo camburão tem um pouco de navio negroiro, como sabemos.

Agora, cada PM ajeitava um menino na carroceria do camburão. Cada um pegava a cabeça de um menino e empurrava, como quem comprime um pacote para caber no porta-malas. Os meninos, que precisaram aprender, desde pequenos, a lidar com as agruras da vida, agora, seguiam sendo colocados naquele análogo porão, apáticos, sem qualquer expressão.

Não consegui mais olhar. Não consegui intervir. Não consegui. Não conseguimos. Sei que muita gente talvez não entenda como isso reverbera em nós, pretos. Mas é esse horror que vemos, perante os céus, desde que nascemos: pretos nos camburões negreiros da polícia militar.

## O LUGAR E O MENINO SEM LUGAR

Fernanda Milanez

Apenas quem chega nesse lugar percebe que, nesta época do ano – outono –, a estrada fica seca pela falta de chuva e que, nos dias ensolarados, a poeira desenha no chão de terra e faz subir uma fumaça quase vermelha, sinalizando cada gente que passa de carro, moto, bicicleta e, mais raramente, de ônibus, imprimindo seus vestígios pelo chão e pelo ar, fazendo-os sumir em seguida. Se caminhar por uma daquelas ruas, pode calhar de ver o menino Caíque, de seus nove anos pra mais ou pra menos, um dos filhos daquela família numerosa de agricultores meeiros da região, passando por entre os carros, montado numa bicicleta enferrujada, sempre seguindo apressado.

Dia desses, chegou ele ao seu destino – o portão da escola municipal – e ficou um tempo olhando lá pra dentro. Vê e se vê nos outros meninos brincando no pátio, enclausurados em seus uniformes. Reconhece alguns, acena e chama-os pelos apelidos. Alguns respondem e outros riem, não se sabe se dele ou para ele. Resolve fazer suas manobras mais radicais ali, naquele pedaço de asfalto defronte à escola. Empina a bicicleta algumas vezes, faz um cavalo de pau e volta ao que parece ser seu ponto de partida: o olhar dos meninos de dentro da escola. Olha disfarçada e esperançosamente para o pátio de cimento queimado, onde muitas vezes ficou de pé, na fila, também enclausurado em seu uniforme surrado, olhando para fora. É ele agora que está de fora, montado na bicicleta, segurando na grade do portão da escola, e é deste lugar que observa as mesas compridas, empenadas e de colorido fosco já gasto pelo tempo,

e, nas paredes, reconhece, por trás da poeira, os murais enfeitados com os mesmos desenhos mimeografados indistintos. Parece procurar o seu.

Mas passa um carro, levanta uma brisa forte que espalha poeira por todos os olhos e ele não acha o desenho, não acha os meninos, não se acha. Solta o portão e segue na bicicleta enferrujada, deixando pra trás um novo rastro de poeira vermelha, que se espalha pelo chão e pelo ar e, em seguida, baixa, some e faz esquecer quem passou por ali, *desimprimindo* sua marca e sua passagem por aquele lugar.

# LA CASA DE PAPEL(ÃO)

Caroline Trapp de Queiroz

O dia amanheceu cinzento. Como carioca nenhum gosta de constatar, uma frente fria se aproximara, trazendo consigo o tempo chuvoso. Sair de casa nessas condições só não é sacrifício maior que fazê-lo debaixo de um sol de 40 graus, típico da estação que é a cara do Rio de Janeiro: o inferno!

Ao cruzar o bairro da Tijuca, cujo nome, em tupi, significa “brejo”, “lamaçal”, “água suja” e muito bem condiz com as características topográficas da região, o ônibus para no sinal vermelho. Olho para o lado e me deparo com o que parece ser um comércio falido. Portas de ferro lacradas e marquise encardida. No letreiro empoeirado e já bastante gasto devido à oxidação do sol, é possível ler “Kalosórisma”. Em grego, “acolhida”, “aconchego”, “ser bem-vindo”.

Tendo fechado as portas provavelmente como resultado da mais profunda crise econômica que já atravessamos, situação que nos acompanha há alguns anos e nos presenteia, no Rio de Janeiro, com a maior taxa de desemprego do país, o Kalosórisma segue fiel à sua essência etimológica: ele acolhe.

Debaixo da marquise do comércio falido emerge uma casa. Suas paredes são edificadas por meio da estratégica montagem de três caixas de televisores de cinquenta polegadas. Em tempos de Copa do Mundo, essa é a matéria-prima de muitas criações alternativas – resta questionar dentre que opções. Da arquitetura à decoração mobiliária, a imaginação humana não tem limites: casas-caixa, camas-caixa, tetos-caixa, cobertores-caixa, caixões-caixas-caixinhas...

Ali, no meio de uma rua esvaziada, num dia cinzento de frio e chuvisco, no interior da cidade que era para ser maravilhosa, ou que o é apenas para um feliz grupo seletivo, Kalosórisma abriga mais uma família Silva. Tapete na porta, lençóis pelo chão, porta entreaberta. Do lado de fora, o pai tenta vender balas no sinal, na iminência de uma invisibilidade que se encarrega de tornar alheia uma equação que também nos pertence. Do lado de dentro, duas crianças pequenas brincam, sob o olhar atento da mãe, que arruma os poucos utensílios de posse da família. Lençóis, roupas, cumbucas de plástico e pacotes de fraldas. A efemeridade da vida se mescla à efemeridade da casa de papel. De papelão. Olho pro céu e as nuvens anunciam a chegada de mais um temporal. Água, bueiros entupidos, lixo, insetos, roedores, doenças... A Tijuca da água suja, já diziam os indígenas.

O sinal abre, o ônibus dá partida. Eu me esgueiro para trás, tentando acompanhar a família até onde meus olhos, míopes e marejados, alcancem. No fim do dia, vejo-me em minha própria casa. Sob o abrigo do frio, da chuva, da insalubridade, do descaso e da invisibilidade. Quarenta e oito horas depois, decido que vou descer do ônibus e falar com os Silva. O que vou dizer é desconhecido até mesmo para mim. O que é possível falar no encontro com a barbárie?

Pego todo o dinheiro que consigo encontrar, alguns pacotes de biscoito, duas caixas de leite e faço minha baldeação, o BRT e o ônibus da linha 638. Chegando na Tijuca, me deparo com as ruínas do que um dia foi a tal casa – nada engraçada. A ausência da família imediatamente coloca em xeque: o tempo da necessidade é o agora! Ou, como tanto ouvimos, mas pouco escutamos: quem tem fome, tem pressa. E segue em deslocamento...

## A CIDADE QUE SE MUDA DAS PESSOAS

Rita Ribes

Mal começava o dia quando a vi pela primeira vez. Trocava o pijama estrelado com que passara a noite e listava, orgulhosa, os muitos desenhos estampados no vestido que terminava de ajeitar, enquanto a mãe penteava os seus cabelos: “tem bola, tem gato, tem cachorro, tem princesa!”. O pai, silencioso e ágil, escutava o telejornal num pequeno celular, enquanto desmontava o quarto da família: um colchão de casal posto sobre uma pequena carroça. Foi tudo o que pude ver no breve instante em que passei. Ao retornar, poucos minutos depois, já não estavam lá.

No dia seguinte, saí de casa desejosa de reencontrá-la. E lá estava ela, no carrinho, arrulhando mais que passarinho, toda arrumada e com uma boneca na mão. O pai desfazia, mais uma vez, o quarto da família; a mãe ajeitava os lençóis numa sacola e os guardava sob a carroça. Mais que isso não pude ver, embora tivesse diminuído o passo, tentando expandir o instante. Minha rotina de acompanhar o filho que ia para a escola até o ponto do ônibus passou a marcar os meus encontros com ela, aquela vizinha tão pequena, que tinha uma esquina inteira para ser sua casa – uma casa que, como num passe de mágica, se desfazia.

Ao voltar do ponto do ônibus, percebi que não estavam mais. Nada naquela esquina contava que uma família (sagrada família?) passara a noite ali. Nenhum rastro. O comércio, indiferente, ensaiava abrir suas portas. A loja de colchões lembrava que “um terço da sua vida você passa nele”. Um terço da vida.



Que vida? O que era o terço da vida daquela menina? E o que faria ela nos outros dois terços de vida não categorizados pela loja de colchões sob cuja marquise dormia?

Fiquei me indagando sobre como seria a chegada da família àquela esquina, no dia a dia. Como seria a mágica da feitura do lar no avesso das contradições sociais que o amanhecer supostamente apagava? Deixei que o cotidiano se encarregasse de marcar esse encontro. Certa vez, passei por lá em seguida do fechamento das lojas. Nada. Outra noite, passei por volta das dez. Nada. Será que não viriam mais? – pensava. Mas, no amanhecer, estavam lá, já se preparando para sair. Quando chegavam, então?

No fluxo não programável da vida, uma noite nos encontramos. A rua com poucos transeuntes. A família ocupando seu lugar. A cama já posta. A menina dormindo num cantinho do colchão sobre a carroça. Pai e mãe assistindo a novela num celular. Dois transeuntes engravatados ironizaram entre si: “celular melhor que o meu, hein?!”. Há pessoas com sensibilidade aguçada para perceber objetos.

Muitas vezes mais nos encontramos no amanhecer. Algumas à noite. Numa das manhãs, a menina brincava com um filhote de cachorro, tão pequeno quanto ela. Difícil avaliar qual dos dois estava mais feliz naquela algazarra. Numa noite, tomava sopa, parabenizada pela mãe porque já estava sabendo comer “sozinha”. Bom dia! Boa noite! Passamos a nos cumprimentar, como costumam se cumprimentar os vizinhos.

Mas chegou o dia em que não mais a vi pela manhã – nem seus pais, nem seu cãozinho, nem sua carroça. Foi como se o mundo ficasse mais vazio. Voltei à noite, na esperança de que nossos horários matutinos é que tivessem se desencontrado. Nada. Olhei ao redor da praça, no quiosque, em esquinas próximas. Nada. Na esquina que era dela, outras pessoas

dormiam, também trazidas pela crise provocada pelo golpe de 2016. Um partir e um chegar sem alardes. Começo já a me acostumar com os rostos desses novos moradores e talvez, antes que eles também partam, possamos ensaiar alguma relação de vizinhança, quem sabe, alguma cortesia... Em passos apressados, a população segue cruzando a esquina a cada amanhecer. O vendedor de colchões, com cara de quem não dormiu muito bem a noite, abre com força a cortina de ferro de sua loja, fazendo despertar os moradores de rua que sonhavam dormir uma fração a mais em suas camas de papelão. Vida que segue.

Mas o que eu queria mesmo era saber da menina.

# MENINOS

Caroline Trapp de Queiroz

Pés sujos de quem caminha por aí descalço há algum tempo. Roupa gasta e rasgada, cabelo comprido e embaraçado, unhas pretas. O menino deitado no banco do ônibus ocupa dois assentos daqueles amarelos. Preferenciais. Totalmente entregue, ele dorme. O corpo para dentro do banco e a cabeça jogada para fora, balançando de um lado para o outro, enquanto subimos as sinuosas curvas da Estrada Grajaú-Jacarepaguá. Um menino que não tem mais que oito anos. Por ele, todos passam. Para ele, todos olham. Tristeza, desconfiança, indiferença, desprezo... Das tantas reações possíveis, conecta-nos o fato de ninguém se atrever a acordar o menino de seu sono. Uns, talvez, por não se importarem. Outros, ao contrário, por tanto sentirem em saber que, diferentemente dos contos de fadas, não há um “felizes para sempre” na realidade do menino. O seu despertar não resolve as questões que lhe puseram a dormir.

Meninos como esse estão por toda a parte. Em cada calçada da cidade, dormindo debaixo das marquises de comércios falidos, dentro de caixas de papelão, nos bancos dos ônibus infestados de baratas, usando droga na Candelária, pedindo dinheiro nos sinais de trânsito, catando latinha nas lixeiras, tomando banho no canal da Avenida Presidente Vargas, salivando em frente às janelas dos restaurantes. Meninos que precisam de um mundo de possibilidades. E o mundo que estamos construindo, tão distante disso tudo... Um mundo que não existe para o que os meninos precisam. E justamente

porque não existe, não tem qualquer direito a lhes reivindicar. Um mundo que há muito dos meninos abriu mão. Mas que com eles terá de acertar contas... Um mundo covarde. Que morre de medo, mas não morre de vergonha.

# QUANDO CHEGAR LÁ...

Juliana Viegas

Início de tarde de uma sexta feira da paixão, num trem do Ramal Santa Cruz. O pai, duas irmãs e um irmão ocupam um banco.

## *Estação Santíssimo*

A filha mais nova pergunta ao pai se está andando em um trem bala que desliza sobre o esgoto. O pai não responde.

## *Estação Senador Camará*

“Pai, tá chegando?”

“Quem dera!”

## *Estação Bangu*

“Leva dez balas por um real!”. “Dois bombons me paga um!”. “Dois amendoins é um real!”. “Olha a batata, olha a batata, quer batata?”. “Aquela boneca para presentear seu filho, né bacana?!”. “De dez a quinze lá fora, hoje me paga cinco. Quem quer salame?”. Vendedores em polvorosa. Pai segue emudecido.

## *Estação Guilherme da Silveira*

“Olha o tamanho disso!”, diz a irmã mais nova, ajoelhada no banco, impressionada com o tamanho da praça do bairro. A mais velha segue, quase imóvel, sentada de pernas cruzadas.

### *Estação Mocidade de Padre Miguel*

O pai jura para si mesmo nunca mais levá-los para andar de trem, nem tampouco comprar bala para eles. Os três irmãos decidem brincar juntos de forma barulhenta. A mais nova, de joelhos ralados e sorriso no rosto, acena para todos que estão parados na plataforma à espera da abertura das portas do vagão. O irmão, ainda se atrapalhando com a fala, repete incessantemente a palavra *porrada*, enquanto simula uma arma com as pequenas mãos.

### *Estação Magalhães Bastos*

Uma jovem flautista embarca no trem vestindo roupas chamativas e rouba a atenção de todas as crianças entre zero e cem anos.

### *Estação Vila Militar*

A irmã mais velha briga com o irmão, que se queixa com o pai. O mesmo responde: “Não vou me meter, vocês que se resolvam sozinhos”. Três segundos depois, o pai muda de lugar e se senta entre as crianças, para evitar novas brigas: “Parem de arrumar problemas! Vão ficar todos machucados. Não vou mais comprar bala pra ninguém”. O filho mais novo chora. Três segundos depois, o pai para o primeiro vendedor e compra saquinhos de balas para todos. O sorriso volta a habitar a face da família.

### *Estação Deodoro*

O pai avisa às crianças que eles precisam pegar outro trem, que demora muito. “Podemos pegar um trem bala?”, pergunta a filha mais nova. Desconsiderando a pergunta, o pai apenas assevera: “Quando chegar lá, vou fazer um sopão para derrubar vocês! Vai ser comer e cama”.

### *Estação Marechal Hermes*

“Sua mãe está bem?”, pergunta o pai para a filha mais velha, que responde afirmativamente, balançando a cabeça.

### *Estação Bento Ribeiro*

A filha mais nova se encolhe toda, tremendo de frio: “Sai daqui, frio! Você tem piolho, eu não”. O pai abre a mochila e a cobre com um casaco.

### *Estação Oswaldo Cruz*

“Quando chegar lá, posso ir à praça?”, questiona a filha mais velha. O pai pondera que os brinquedos vão estar molhados, mas que, se ela quiser ir, ele não liga.

### *Estação Madureira*

O filho mostra um machucado ao pai. “Quando chegar lá, eu passo uma pomada...”, diz o pai.

“Pai, você comprou iogurte?”

“Não, quando chegar lá, eu compro.”

### *Estação Cascadura*

Passa um vendedor de bala. As crianças pedem ao pai, que compra um saquinho para cada uma.

“Ainda bem que agora acabou o dinheiro, chega de bala! Agora, só tenho três reais contados para a minha cerveja.”

A filha mais nova segue com frio e pede ao pai que pegue na mochila mais uma peça de roupa, para que ela possa se cobrir.

### *Estação Quintino*

“Três dias com vocês, haja dinheiro, haja paciência!”

– reclama o pai.

“Eu acho pouco”, responde a mais velha.

*Estação Olímpica Engenho de Dentro*

“O que sua mãe fez com os setecentos reais que eu mandei?”

“Comprou iogurte e macarrão.”

“Só isso?”

“Acho que ela não conseguiu pegar todo o dinheiro com o moço do banco.”

“E ela ainda ganhou setecentos reais do fundo de garantia!!!”

“Não! Ela ganhou setecentos e dez, mas teve que comprar cimento.”

*Estação Méier*

Ao avistar um vendedor de arcos, a filha mais nova pede ao pai para comprar um arco de gato. O vendedor passa direto e o pai sacaneia “Ih! O gato foi pro brejo”. Mas o vendedor volta e o pai cede: “Um arco para essa menina, pelo amor de Deus!”. O filho mais novo pede um arco também. O pai o retruca: “Tá doido? Preciso de dinheiro para a minha cerveja”. A irmã mais velha o fulmina: “Quer um arco? Virou *viadinho*?”

*Estação Maracanã*

Depois de quase uma hora e meia de viagem, a família desembarca do trem, cada vez mais perto de chegar lá...



# LEITURAS

Débora Soares

Entrei no ônibus em direção a Jacarepaguá. O ônibus estava cheio, mas consegui sentar. Perto de mim, notei a presença de um menino uniformizado e de seu pai. Presumi que retornavam para casa, depois de um dia de aula e trabalho. Pai e filho conversavam. Sentei-me bem próximo a eles. O menino disse ao pai: “Pai, hoje tem bilhete.” O pai, então, abriu a mochila, retirou dela a agenda escolar do filho e começou a ler: “Se-nhor-Res-pon-sá...” “É responsável.” disse o filho tentando auxiliar o pai na leitura.

Nesse momento, desviei o olhar com medo de constrangê-lo em sua dificuldade e, aos poucos, fui saindo da cena, na mesma rapidez com que me permiti entrar. Mas esse flagrante do cotidiano foi suficiente para perceber que, às vezes, os papéis se invertem e o pai pode aprender com o filho.

# MENINA MULHER

Patrícia Desterro

Todos os dias ela se senta no banco detrás do carro e seguimos rumo ao seu trabalho. Ao longo do trajeto, ela tagarela sobre fatos de sua vida. Fala de seu casamento, de como seu marido é parceiro, das peripécias de suas três filhas. Como ela é uma mãe atenta às coisas! Sabe de cada detalhe da vida de suas meninas. Sempre mostra a escola onde elas estudam. “Olha ali! É ali que as meninas estudam!” “Hoje quem vai buscar elas na escola é o Leo! Eu estou muito cansada!” “Ontem fui numa festa na casa da Flufy! Por que você não foi?” “Vai lá em casa, suas netas estão com saudade!”

Em outros momentos, a conversa flui sobre suas amigas: “Ontem, eu e as meninas estávamos conversando sobre um segredo e o Henrique veio se meter na nossa conversa. Eu falei pra ele se meter na vida dele.”

Eu olho pelo espelho retrovisor. Tento responder a uma ou outra pergunta, mas, às vezes, minha mente se distrai. Por vezes, sinto vontade de rir, mas ela se zanga. Me ensina que não se deve brincar com os problemas alheios. Não é só uma menininha de sete anos, mas uma mulher que vive a vida, que cuida da casa, das filhas e sobrinhas e que tem um companheiro.

Às vezes o caminho é silencioso, se estiver muito ocupada com o celular. Mas quando me fala de sua vida de adulta, confessa segredos de mãe para mãe.

# SEGREDOS

Rita Ribes

A mãe conta algo, baixinho, no ouvido da filha, que se desfaz em gargalhadas. Em seguida, a filha, fazendo conchinha com as mãos ao redor da orelha da mãe, sussurra alguma coisa. A mãe ri, em parte achando graça, em parte cumprindo a regra amorosa do jogo que se estabelece entre elas. A mãe percebe que a filha se contorce de prazeres com o ventinho cosqueado das palavras no ouvido e capricha nas brisas que provoca. Para retribuir tais agrados, a filha intercala palavras, cochichos e assoprões. A mãe ri da astúcia da filha e a abraça apertado. E assim seguem, parando vez ou outra para pensar no que dizer, sucedendo-se em segredos, reinventando o amor e a linguagem. A mãe sentada na calçada. A filha sentada no colo da mãe. Ao lado, a caixa dos doces que estão a vender. Um vai-e-vem de pernas aflitas com a abertura do sinal. Carros, ônibus, motores, buzinas.

## COM MÃESTRIA

Raíza Venas

Gente da zona sul, gente da zona norte, gente de toda sorte... e tem aqueles rostos repetidos, que se vê em todo canto, em quase todas as principais rodas de samba da cidade. Aquelas três amigas, que passam o verão inteiro sambando por aí. Aquele casal de velhinhos que não perde uma roda. Aquelas duas irmãs que estão sempre com seus copos cheios e sorrisos largos. E tem aquele menino, o “Mascote do Samba”, percussionista antigo, criança nova, figurinha certa nos pagodes do subúrbio. Maroto, sagaz, querido e bem-visto. Malandreado que só ele.

Toca muito, sem cerimônia, assume a percussão de qualquer roda. Como dizem os mais velhos, ele sabe os caminhos. Faz bonito, toca de tudo, do tamborim ao pandeiro. Sorrisão, astral lá em cima, como manda o figurino.

A mãe orgulhosa, mesmo reconhecendo o talento do menino, não rende muitos elogios. “Eu sempre digo pra ele, no samba você é o Mascote do Surdo, em casa você é só o meu filho. Quem fala alto sou eu! Não tem samba certo, é conforme a minha banda toca!” O menino ouve com olhos abaixados e sorriso tímido.

Na ópera dos malandros, a mãe é o maestro.

# DE NOVO!

Núbia Santos

Sem dizer palavra... Ele entra correndo pela porta adentro, pisando firme como se tivesse na linha de chegada de uma maratona. Com a ponta do dedão dos pés, tira os sapatos pelos calcanhares... Deixa-os no meio da sala e sai andando na ponta dos pés. Joga a mochila em cima da mesa. Seus olhos passeiam à procura de algo... Encontra... Um celular inerte perto da máquina de costura... De quem seria? Isso não é uma questão para ele... Coloca sua música preferida e cola o aparelho no ouvido! Se joga no sofá... Mas, ali, não permanece nem por um segundo e se levanta determinado, como se lembrasse de algo muito importante. Corre para a cozinha e abre a geladeira, contempla com estranhamento o seu interior já tão familiar... A avó vem logo atrás: “Fecha a geladeira, Amir... e venha pegar seu sapato e tirar essa meia”. Ele bate a porta da geladeira com tanta força que a coitada balança. Ao se virar, está sorrindo... “Desse jeito, não tem geladeira que quente, né, Mi?! Quero ver, quando queimar, quem vai consertar ou me dá outra. Pega o sapato aqui no chão”. A avó ajuda. Ele pega de forma displicente, tira as meias. Olhos no chão, olhos no teto, olhos nos olhos, menos nos sapatos e nas meias. “Ali, Mi... Ali, ó! Aqui, rapaz! Isso! Ai... No cantinho! Muito bem, Mi!” “Agora, pendura a sua mochila...” Ele corre para a cozinha... “Volta aqui, Amir... De novo? Fecha a geladeira! Você já sabe de cor o que tem aí dentro”. “A mochila!” “Olha pro que tá fazendo, Amir!” Ele pendura rápido e corre para a cozinha... Enquanto ajusta a mochila e checka o que tem dentro. “Já tá com fome, Mi?

Vovó fez cortadinho!” Ouve-se a panela sendo destampada. “Tá quente, Mi”. Antes da avó chegar na cozinha, ele volta correndo, quase trombando nela! “Tenha educação, Mi! Tu quase me derruba, viu?”. Ele sai pela porta saltitante, tocando o portal... Encosta no portão de entrada, gargalhando e dando gritinhos que parecem de alegria... Volta para a cozinha, destampa a panela, contempla outra vez sua comida preferida: cortadinho de abóbora com quiabo e carne de sertão... Olha para a avó e ri alto. Segura em seus braços e balança... “Tá alegre, né, Mi? Mais devagar, que a vovó não guenta, não.” Ele volta correndo para a sala, pulando alto como se quisesse tocar o teto! Sai pela porta, de novo, vai até o portão de entrada e volta para a cozinha, dessa vez levando sua avó pelo braço! Pega o prato no escorredor entrega para ela! “Está quente ainda, Mi” e deixa o prato na pia. Ele, de novo, pega outro! “Calma Amir! Que fome é essa?!” Deixa o outro prato na pia. Ele pega outro e outro... E, de novo, aquele ritual se repete, até que todos os pratos do escorredor estejam empilhados na pia... Amir sai pisando firme e cantado a única frase de uma música evangélica que acha interessante: “Tuuu és!”. Senta no sofá. O celular que estava na mão vai para o ouvido de novo... Levanta... Sua comida já está no prato, sendo abanada... Ele tenta pegar, mas sua avó o impede, com o corpo. “Tenha paciência, Amir, que fome é essa?!” Ela coloca um fio de farinha de mandioca em cima do cortadinho. Olha para ele: “Tá bom Mi?” Ele segura sua mão. Olho no olho, olho no prato. Rapidamente, pega um garfo sorrindo... Segue sua avó, que leva o prato até a mesa. Ali já se encontra o molho de pimenta. Ele senta... “Ajeita a cadeira Amir”. Ele ajeita, já sentado, sob outro comando de “Senta direito”. Ele mistura tudo no prato, fazendo movimentos circulares com o garfo... Sempre movimentos circulares. Coloca pimenta, coloca mais. “Já chega, Mi”. Começa a comer... Ajeita a comida no garfo com a mão... Larga o garfo, olha o celular, bate o pé no chão, olha

para o teto e sorri mastigando... Parece feliz. Quando o prato fica vazio, volta à cozinha entusiasmado... Destampa a panela... “Quer mais, Mi?” “Vai buscar o prato...” Ele volta, agora com o prato. De novo, sai porta afora, bate no portão e canta, “Tuuu és!” Volta: “É bom, né, Mi, ter vovó que faz comida gostosa pra você?!” Prato vazio, volta para a cozinha de novo! “De novo, Mi?! Tem gente que gosta também... Quando você gosta de uma comida, ninguém mais pode gostar”. Dali a pouco, de novo, de novo e de novo... “Agora tu vai comer até acabar, né, Mi?”.

## JANELA DO QUINTAL

Cecília Schubsky

No quintal, da minha janela, o tempo cresce as crianças entre árvores e algazarras e me transforma numa escutadora de infâncias. Como naquele dia em que Dudu, o que sempre é chamado pelas amigas – “Duduuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!!!” –, brincava sozinho. Estava ali concentrado, o dia já escurecendo. A avó da amiga, que mora ao lado e costuma cuidar deles enquanto brincam, chegou na porta e o chamou:

– Dudu, vem comer pipoca que eu fiz.

– Obrigado, mas não gosto de pipoca.

– Como assim, não gosta de pipoca? Toda criança gosta de pipoca!!!

– Não pode ser...

– Como assim? Toda criança gosta...

– Olha, as pessoas são muito diferentes, umas gostam, outras não. As pessoas são todas diferentes. Pode ter quem não goste.

A Senhora, não muito convencida, resolveu voltar pra casa e pras suas pipocas. Ele, sozinho, continuou a repetir: “Ora, pode ter quem não goste... Ora!”



# CONVESCOTE

Rita Ribes

“Vambora, mãe...”, diz o Menino com voz chorosa de sono. “Se tá com pressa, ajuda a tua mãe. Quanto mais rápido ela terminar, mais cedo vocês vão.” E o que se segue é uma miscelânea de vozes e choros que sobe vertiginosamente pelo fosso do edifício de classe média como uma ampulheta às avessas que escorre pra antevéspera da promulgação da Lei do Ventre Livre.

Na televisão, em alto volume, passa a novela das sete que conta a história de uma família aristocrática e seus escravos que, depois de cento e trinta e dois anos naufragados, reaparecem e começam a descongelar. Tendo sido abolida a escravatura, precisam redesenhar suas relações. A história da novela agrada à Senhora, que ri alto, enquanto repreende o Menino e elogia o ator da novela. Se diverte com as expressões. “Sabe o que é convescote, menino? É piquenique. Assim que falavam antigamente. Já foi num piquenique? Tem que fazer um piquenique com ele”, ordena à Mãe. “Um convescote”.

Como se preocupa com o Menino, a Senhora! Outro dia mesmo, avisava a ele que não deve comer doce porque dá cárie, que refrigerante não faz bem, que ele não pode ficar comendo aquelas besteiras que a Mãe lhe dá. E também não faz bem ficar vendo televisão até tarde, que ela escuta do quarto dela que a televisão está ligada e que é por causa disso que ele demora pra acordar de manhã. Se preocupa com o Menino, a Senhora. Por isso não se incomoda que ele fique com a Mãe durante a semana, afinal, eles moram longe, lá no bairro da Abolição, e a

creche fica perto do trabalho. Ele entra às sete da manhã e sai às cinco da tarde. “Muito boa a creche”, disse certa vez a Senhora, pois dão o café da manhã pras crianças e, quando elas vão embora, “já saem jantadas”. Ele, então, “jantado”, vai com a Mãe pra casa da patroa. Olham juntos a novela das sete e, depois de lavarem a louça, Mãe e filho podem se recolher. Sim, ele tem que ajudar a Mãe a lavar a louça, depois da jornada na creche. E “guarda direitinho” os talheres, classificando-os de um jeito que orgulharia Piaget: “colher grande, colher pequena, garfo, faca... E isso aqui, mãe, onde bota?”, “Na gaveta de baixo. É concha”, diz a Mãe. “É colher de feijão”, replica o Menino, abrindo uma tripla entrada na sua tabela classificatória. Menino sabido.

Ano que vem, o Menino vai pra escola. E “escola não é o dia todo, como é na creche”, já disse a Senhora, preocupada. Não sabe como será. A Mãe tem que ver isso. Já falou.

“Vambora, mãe”, suplica mais uma vez o Menino. É sexta de Abolição. Também o Menino está preocupado. Para algumas crianças, o desemprego chega antes do primeiro convescote.

## 50% MENOS

Fernanda Milanez

Caminhava naquela direção, quando avistei um letreiro em neon que parecia me chamar, piscando forte e rapidamente em vermelho e amarelo, apesar do horário e do sol incandescente: passava um pouco das duas da tarde. Apressei o passo e, chegando mais perto, vi uma enorme fila que começava bem na esquina do restaurante de paredes envidraçadas, cujas portas estavam fechadas. No frescor do ar condicionado, pensei, vou experimentar uma comida saborosa e diferente, ainda que, pelo horário, deva preventivamente abrir mão das saladas.

Olhei novamente pra fila e vi, no quarteirão abaixo, o caminho feito de gente que seguia até o final da rua, onde parei os olhos na menina e sua avó, ambas espremendo-se para garantir os últimos centímetros de sombra da marquise. As duas com longas tranças: as da menina uma de cada lado, pretas como carvão e a da avó um trançado único, grosso, de um branco reluzente. As duas de saias compridas e coloridas. As duas abraçadas na nesga da sombra. Ali, a avó abanava a neta.

Depois delas, a fila fazia uma curva, atravessava os carros e chegava ao outro lado da calçada, onde reparei mais um caminho humano que se formava vindo na direção contrária, desta vez sem nenhuma marquise que protegesse do sol no horário mais quente daqueles dias de verão argentino. Além do suor, havia uma expressão de desalento no rosto daqueles que chegavam mais tarde e que foram, por isso, castigados pelo calor, que não dava trégua. Todos esses pensamentos

brotaram no instante em que passava os olhos rapidamente no entorno, ao mesmo tempo em que me dirigia à porta do restaurante, pois, àquela hora, já estava com muita fome e esse era o único estabelecimento aberto, depois de andar por muitos quarteirões.

Em resposta ao meu movimento de entrada, o funcionário de terno, pelo lado de dentro, travou a porta e, ao mesmo tempo, falou repetidas vezes alguma coisa que eu não compreendia. Era nesses momentos que minha condição estrangeira se revelava: na urgência das necessidades mais básicas. Olhei mais uma vez para dentro e vi que ainda tinha bastante gente em volta da bancada dos alimentos e imaginei que estivesse sendo barrada por isso: claro, se há fila no lado de dentro, é preciso aguardar no lado de fora. Respirei fundo e aguardei o tempo da fome e da eternidade, até que o homem de terno abrisse completamente as portas, liberando a saída dos clientes que lá estavam.

Após a saída de todos, posicionei-me novamente para entrar e, desta vez, ele foi mais ríspido, me barrando e mostrando o relógio. Faltavam quinze minutos para as três horas. Mostrava o relógio e sinalizava o número três com os dedos repetidamente. Foi dado o recado. Eu realmente não podia entrar. Voltei o olhar para a fila e enxerguei o que estava ali o tempo todo. Assim como eu, aquelas pessoas estavam famintas, mas precisavam esperar o horário permitido para a entrada delas – nossa entrada – naquele estabelecimento.

Enquanto isso, lá dentro, as cadeiras eram rapidamente encaixadas debaixo das mesas e todos os pratos e talheres de louça foram trocados por outros descartáveis. Uns funcionários se apressavam para repor as comidas. Às três horas em ponto, as portas finalmente foram abertas e decidi me posicionar ao lado da entrada, esperando o meu (último) lugar na fila. Essa

espera me fez olhar para cada um que entrava e enxergar quem estava ali: era uma fila de pessoas que pareciam estrangeiras como eu. A maioria com traços de etnia indígena, quase todos com seus corpos/rótulos que diziam sobre suas condições vulneráveis. Gente que não deveria se misturar aos “clientes” que almoçaram anteriormente. Muitos carregando pertences, como eu, estrangeira, com a mochila lotada de coisas necessárias para quem vai passar o dia na rua, da manhã até a noite.

A menina e sua avó passaram por mim e vi que pegaram duas vasilhas de isopor cada uma. A avó dirigiu-se para as saladas e a menina para as carnes e batatas fritas. Demorou mais um pouco até a minha entrada no restaurante e nem vi que horas eram quando comecei a me servir. Não lembro exatamente o que comi, mas lembro perfeitamente do cheiro dos temperos das carnes e da aparência dos alimentos: bem coloridos e um tanto misturados.

Nesse momento, duas filas internas seguiam vagarosamente: uma para nos servirmos e outra paralela, para pesar e pagar pela refeição. Da minha cegueira e surdez em relação à fila externa, ao burburinho no salão pelo lado de dentro, me deparei com um repertório das mais variadas manifestações sonoras. Como no conto “O assóvio do Melro”, do livro de Ítalo Calvino, *se prestar ouvidos e olhos atentos aos diálogos à volta*, foi possível me colocar em profunda reflexão sobre as linguagens confundíveis dos pássaros e as inconfundíveis dos melros, que assoviam como nós, os não pássaros. Senti-me dispersa entre os breves momentos de silêncio e os sons que me chegavam em escalas, ritmos, alturas e timbres diferentes, tal qual gorjeios de pássaros quase inclassificáveis. Quase porque, eventualmente, conseguia capturar uma palavra compreendida e, nesse instante, meu olhar buscava pelo Melro que assoviava como eu. Mesmo que não fosse um diálogo, o valor daquelas

palavras reconhecíveis estava no acalanto que parecia me dizer “olá, também estou aqui”. A maioria das pessoas foi se ajeitando pelos cantos, comendo em pé, e outros tantos levando suas quentinhas para comer em outro lugar.

Quando chegou minha vez de pesar, verifiquei que o preço do quilo era **50%** mais barato do que o anunciado no cartaz da entrada. Era esse o preço para as pessoas que não entram no restaurante antes das três horas. Uma espécie de compensação para garantir a manutenção da segregação ali vivida. No instante desse estalo, lembrei que a sensação de tal experiência não me era estranha: a fragilidade na comunicação nas vezes em que pedi informação e entendia apenas parcialmente a resposta recebida; as andanças a pé e o cansaço no corpo frustrado pelas repetidas voltas praticamente sem sair do mesmo lugar, reafirmando que não tinha referência espacial alguma; lembrei também da insegurança de não ter uma pessoa a quem recorrer ou um lugar seguro onde repousasse o corpo.

A cada constatação que fazia, um desconforto crescia por dentro, junto com um medo. Posicionei-me de pé, no balcão perto da entrada, e vi que, à minha frente, estavam a menina e sua avó. Um certo alívio por ver alguém que já havia visto antes. Respirei fundo e dei minha primeira garfada, depois de várias tentativas fracassadas para cortar um pedaço do frango com a pequena faca de plástico. Ao mastigar, senti um sabor levemente azedo. Separei no prato o que achei que estava ruim e fiz outra tentativa. Azedo também. Olhei pra frente e reparei que, entre uma garfada e outra, a menina fazia careta e às vezes regurgitava, como se fosse colocar toda a comida pra fora. E a avó reclamava, talvez dela, talvez da comida. A menina comeu quase tudo, como eu. Afinal, precisávamos daquela comida, muito menos para saciar a fome e mais para nos reconhecer humanas, vivas, visíveis.

Mastigando mais sentimentos do que alimentos, pensei nas pessoas que vivem situação semelhante, não apenas num pedaço do dia de uma viagem como eu, mas por semanas, meses e anos, muitos anos, na mais completa invisibilidade. Saí de lá e segui minha andança, digerindo a breve experiência de estar estrangeira nas ruas de uma cidade estranha desse jeito tão singular, de quem, ao mesmo tempo, está e não está no mundo.

# COMBO

Rita Ribes

Parece que a ideia de “combo” domina hoje quase todos os mercados. E a lógica dos mercados tenta dominar a vida. Vida combo. Mas ando bem desconfiada de que nem sempre o combo combina. Por vezes os itens se complementam, mas, por outras, parece que é apenas uma estratégia para camuflar coisas nem sempre desejadas.

Pois foi uma dúvida dessa espécie que me acometeu quando aquele combo de pessoas adentrou o restaurante australiano, conduzido pela garçonete até o lugar supostamente mais aprazível: cinco adultos e três crianças. Difícil aferir se era mesmo um combo combinado ou se era apenas uma promoção do tipo pague cinco, leve oito.

Os adultos tagarelavam entre si sem parar. As três crianças, aparentando terem entre quatro e seis anos – cada uma com seu *tablet* e, nos ouvidos, um imenso fone, que mais parecia um tampão para dias de frio – nenhuma palavra pronunciaram que pudesse ter sido escutada por ali. Vai ver era regra do combo não se pronunciar, não escolher o que comer nem olhar ao redor.

Foi sem trocar sequer uma palavra, nem levantar os olhos dos *tablets*, que tiveram depositados à sua frente três “pratos de criança” – essa iguaria universal lapidada pelos oráculos da gastronomia. Saborearam sem tirar os olhos dos *tablets* nem os ouvidos dos fones.

Eis que garçons e garçonetes se aproximam da mesa com um bolo de aniversário, repleto de velas pirotécnicas, e



entoam parabéns para um dos adultos do grupo, numa performance exclusiva do restaurante. A julgar pela euforia com que cantavam, dava a impressão de que eram eles próprios os aniversariantes. Tantas palmas e gritos quase abalaram a filosofia do combo: as crianças, aos poucos, perceberam o estardalhaço e, com certo *delay*, bateram as palmas do último refrão. Licença de manifestação vencida, retornam à sua condição, comendo uma fatia de torta, com os olhos nos *tablets* e os fones nos ouvidos.

Em seguida, os adultos se levantaram, preparando-se para sair. As crianças, mimeticamente, os seguiram. Olhos nos *tablets*. Fones nos ouvidos. Sem cruzar olhares. Sem dizer palavras. Segredando serem parte de outros combos.

## À PELE QUE HABITO

Núbia Santos

Caía a tarde. O sol já ia baixo e, embora o vento mais frio que vinha do belo mar de Copacabana já manifestasse seus efeitos, ela estava vestida apenas com uma blusinha de alça fina e um *short*. Era a maior das duas. Seriam irmãs? Caminhava entre as mesas falando baixo com os clientes do quiosque. Não levava nem um minuto em cada mesa e já saía em direção a outra... Aparentava oito anos de idade e segurava uma bolsa embaixo do braço. Andava devagar.

Crianças abordando turistas em Copacabana, desde há muito, passou a ser uma cena corriqueira. Os desfechos são sempre os mesmos: ou damos alguma moeda ou negamos e elas se vão. Como clientes do quiosque, eu e minha amiga do Sul, sentadas em uma das mesas, observávamos aquelas duas crianças. Tento me concentrar no cardápio, mas não consigo tirar os olhos daquela menina e de sua suposta irmã. Não por acreditar que havia algo inusitado naquela cena, mas pelas cicatrizes profundas de queimaduras que cobrem seus dois braços e prendem minha atenção. Seus braços parecem mais finos e desproporcionais em relação ao corpo.

Cicatrizes sempre revelam alguma dor passada, tanto aquelas herdadas das estrepolias da infância, cuja dor física dura menos que a brincadeira que as causa, quanto aquelas até necessárias, provocadas por cirurgias, por exemplo. Mas cicatrizes de queimaduras sempre revelam alguma situação que talvez pudesse ter sido evitada, e os olhares de alguns clientes pareciam demonstrar isso. Olhares que se demoram, mas a

cabeça é sempre rápida no desviar, como se fosse impossível olhar sem imaginar uma certa dor. Percebo alguns apontando, escuto comentários, lamentações... “Coitada!”. Outros baixam os olhos quando as meninas chegam perto.

Ela caminha e caminha entre as mesas, com ar sereno, altiva e falante, pousando os cotovelos enquanto aborda os clientes. Quando vem em direção à minha mesa, vejo claramente a balconista fazer com a cabeça um sinal para o garçom, sugerindo que as meninas incomodam. Alheia ao sinal, ela chega até minha mesa, bem perto, quase encostando o corpo no meu. Me preparo, pegando a carteira, mas antes de alcançar a bolsa, ela diz: “Tia, paga uma água de coco?” e, na sequência, já informa que custa seis reais e que é uma só. Nem termina a frase e o garçom já está atrás delas. Eu, rapidamente, peço a água de coco para as duas. Ele pergunta se pode colocar na conta e eu repondo que sim. Elas vão para o balcão sorrindo.

Meus olhos as seguem, sempre imaginando o que poderia ter acontecido com aquela menina. Enquanto esperam, olham para mim, a maior abre um sorriso. Tamborila com os dedos no balcão. Segue falando com a suposta irmã. Estão distantes e não consigo escutá-las. O balcão é alto, nem a maior consegue ver quem está do outro lado. O garçom serve três águas de coco para outros adultos, antes de servi-las. Quando chega o coco, a menor ajuda a segurá-lo. É visível a dificuldade de movimentos nos braços da outra.

Quando vejo que receberam o coco, me volto para minha amiga, para comentar sobre as cicatrizes. Mal abro a boca, percebo que elas vêm em minha direção. A maior chega bem perto e me diz: “Obrigada!”, antes de levar o canudo à boca. Não me contenho e pergunto: “Como foi esse acidente nos seus braços?” Ela se olha como para se certificar dos braços e responde: “a casa pegou fogo...” Impotente no que dizer, no

que fazer, no que pensar, continuo: “e agora?”. Ela olha para os braços, outra vez, olha para mim e, contrariando todos os olhares e expressões, responde: “Agora está tudo bem...”.

E segue caminhando, ao lado da suposta irmã, tomando sua água de coco.

## FACULDADE DE MARKETING

Juliana Viegas

Outro dia, em um trem do ramal Japeri, cheguei à conclusão de que o brasileiro é o rei do *marketing*. E a melhor faculdade é o trem. Só pode! Nos trilhos nascem ótimos *slogans*, e isso o carioca já sabe, como provam as frases: “Pra que pagar caro pra morrer? Compre cigarro G” e “Biscoito Copacabana, preço de pobre e gosto de bacana”. Mas a gota d’água para chegar a essa conclusão foi quando descobri que o rei do *marketing* é uma criança de uns dez anos, passageira desse ramal de Japeri. Ele entrou no vagão vestindo uma blusa de time estrangeiro, daqueles que a gente nem sabe pronunciar o nome. Nunca vi vendedor mais compenetrado! Oferecendo películas de vidro para os celulares dos passageiros, gritava frases como: “A oportunidade passa, agarra quem tá ligado”, “Já tô indo embora, compra comigo”, “Vai proteger seu *touch*, né, bacana?!”, “Não quero nem saber do lucro”, “De dez a quinze lá fora, hoje me paga cinco”. Tão novo e já não pode pensar no lucro. Quase comprei, mesmo sem precisar.

# A FEIRA

Patrícia Trindade

Toda segunda, no amanhecer do dia, feirantes já estão em plena atividade para preparar a barraca, a fim de que o freguês aprecie e compre. Os grandes caminhões chegam bem cedo, roncam sob as janelas dos apartamentos, o vozerio perturba o sono matinal dos vizinhos. O que não tem a menor importância: na atual situação do mundo, é bom que todos estejam acordados. Além disso, deve subir até as janelas a fragrância das frutas e de todas as coisas nascidas da terra, ainda frescas, vivas e coloridas. Entre caixas e caixotes, passa gente indo e vindo da feira.

A feira aqui perto de casa movimentava a rua, com tanta gente que passa. Vozes, ruídos, imagens e desejos se oferecem a produzir a dinâmica da feira livre. As barracas vão sendo arrumadas de maneira que o freguês possa contemplar todos os produtos, um chama dali, outro grita daqui, refletindo esse cotidiano que se inventa de mil maneiras. “Sacão é dois!” “Moça bonita não paga, mas também não leva”, “Freguesa, laranja docinha como mel”, “Olha o troco!”

É quando o povo da feira encena uma performance: canta, grita, dança, fantasia, para atrair e seduzir o freguês, que já anda em zigue-zague de uma barraca para outra, homens, mulheres e crianças carregando sacos de frutas, verduras e legumes. Passa um homem idoso, calvo, sério; deve ser freguês antigo, tem fama de que discute muito nas feiras, capaz de citar o preço dos tomates em 1921, comparando com o de hoje, que, por sinal, está pela hora da morte; em todo caso, não parece

muito bravo, carrega dois sacos verdes e, de um deles, sai um pedaço de abóbora.

A feira, não sei por que motivo, me leva a essas digressões; vagueio com suave emoção entre o brilho metálico das cebolas e a imensidão do verde da barraca de verduras. A certa altura, uma senhora surge com seu velho vestido amassado e suas sandálias coloridas. Demoro a perceber sua pele, seus cabelos e olhos, tendo por fundo o verde das couves e espina-fres. A pele tem uma frescura vegetal. As mãos finas seguram as verduras com um experiente carinho. Quando termina de comprar tudo, um menino conduz suas compras. Ela fez questão de levar nas mãos, com sinal de alegria e cumplicidade, uma grande couve-flor. Em feiras aqui do bairro, é comum vermos crianças e adolescentes trabalhando, vigiando carros, vendendo produtos. Alguns chegam a pedir dinheiro. Aguardam ansiosos pelo término da feira, para garimpar o que ainda sobrou daqueles produtos que vão sendo descartados pelos feirantes. As crianças e a xepa lembraram-me dos versos de Gonzaguinha:

“Você deve notar que não tem mais tutu

E dizer que não tá preocupado

Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado

Você deve estampar um ar de alegria e dizer tudo tem melhorado

Você deve rezar pelo bem do patrão

E esquecer que está desempregado”

# ANJINHOS

**Juliana Viegas**

Fim do expediente. Mais um trem rumo a Santa Cruz. Mais uma viagem. Mais uma criança vendedora. A mercadoria: o tradicional combo de dez pingos de leite por um real. Imperdível! “Vê se seu anjinho merece”, diz o menino aos adultos, para que pensem nos filhos, sobrinhos e netos que têm e que encontrarão quando chegarem ao destino. Do alto de sua pouca idade, já sabe que prometer adoçar esse encontro é a primeira lei da publicidade. “Vê se seu anjinho merece”, diz o menino, de vagão em vagão, de plataforma em plataforma, até chegar o fim de mais um dia de anjinho (des)merecedor.



# DO JEITO QUE TÁ, DO JEITO QUE DÁ

Raíza Venas

Era início de abril, fazia calor, mas ia chover. Na dúvida, a gente vai pra rua do jeito que tá e do jeito que dá.

Meu preconceito suburbano me fez desconfiar daquele samba na zona sul. Mas o meu desaforo, também suburbano, me fez pagar pra ver e ir conferir. Eu, uma amiga e minha barriga de sete meses de gestação fomos para um samba na Glória.

Uma roda de bons músicos, cerveja cara, gente branca e nenhuma criança. Já era tarde, passava das dez da noite.

Opa! Me saltou aos olhos um menininho dormindo em uma cama improvisada de duas cadeiras de plástico.

Os pais vendiam pastel no evento. Ao mesmo tempo em que a mãe atendia aos pedidos dos clientes quanto ao sabor dos recheios e fechava a massa do lanche, o pai fritava e cobrava os pastéis, enquanto o menino pagava o preço dormindo no sereno. Ele parecia ter, no máximo, seus três anos de idade, era um menininho muito bonito e cansado.

A minha intenção de conferir aquela roda de samba fracassou. O menino dormindo gritava pelos meus olhos, que, obedientes, não descolavam dele... tão pequenininho.

Vi no momento em que ele despertou e a mãe ofereceu água, mas ele recusou. Então, ela foi até o bar do evento para comprar um refrigerante. “Tem que comprar o copo de evento junto com o refrigerante, a gente não tem copo descartável, por isso o nome do evento é Eco Samba”, disse o homem que

atendeu à vendedora de pastéis. A ecologia, às vezes, é benéfica somente aos bolsos.

Copo e refrigerante comprados, menino servido e a barraca do pastel a todo vapor. Em sua cama de cadeiras, e um copo neon que tem jeito de brinquedo novo, o menino brinca do jeito que tá e do jeito que dá

# INTEIROS...

Patrícia Trindade

Fim de tarde de um transparente outono. Andava pelas ruas de um centro comercial quando avistei um menino vendendo balas. Entrei no Banco e lá estava “aquele” menino, nove anos, não mais. Encostado na pilastra próxima à saída, pedia que o ajudassem, comprando suas balas. Quando olhei novamente em sua direção, já tinha saído, em busca de novos fregueses. Deixei o Banco olhando para os lados, para ver se o avistava, mas ele já havia sumido. Caminhei mais um pouco e, quando entrei noutro Banco, lá estava ele, acompanhado por uma menina igualmente nova carregando um bebê, ambos na mesma tarefa de vender balas. Imaginei que aquele bebê poderia ser uma boneca, mas não, era um bebê de verdade!!!

Há muitas crianças nas ruas, meninos e meninas passando por um processo incomum no seu roteiro de vida. Poderíamos afirmar que essas crianças parecem inocentes prisioneiras, condenadas não à morte, mas à vida, sem consciência do que significa essa sentença. Lembram o conto que ouvi muitas vezes, quando criança, a história de João e Maria, dois irmãos abandonados pelo pai lenhador, por falta de recursos. Muitas crianças abandonadas a desconhecem. Se conhecessem, talvez nem percebessem a semelhança. Mas a história daquelas crianças que não pareciam irmãos, muito menos “João e Maria” dos contos de fadas, se tornou semelhante, pois, largados à própria sorte, precisam ir para as ruas defender o pão de cada dia.

Na saída do Banco, duas senhoras passaram pelas crianças que ofereciam seus produtos. Antes mesmo de o menino pedir, a senhora imediatamente disparou: “não tenho trocado, só inteiro”, ao que o menino, sem cerimônia retrucou: “serve inteiro mesmo”.

# DES-PERDIDA

Raíza Venas

Sexta feira. Dia nacional do furdunço em praça pública, dia de celebrar o final do expediente na Praça Tiradentes, dia da roda de samba do PedéTeresa. Fazia muito calor, final de verão e o povo todo querendo rua, samba e cerveja.

O samba dos meninos do PedéTeresa é, como a maioria das rodas de samba, uma grande reunião de pessoas dispostas a diversão, batucada e troca de ideias. O evento é ponto de encontro de gente de toda a cidade. Quem gosta de samba vai, quem gosta de pagode vai, quem gosta de forró vai e quem gosta de funk vai também. É que esse samba tem algumas particularidades. É a única roda de samba, samba mesmo, que tem DJ (!) que toca pagode e forró durante os intervalos e funk da antiga no final do evento. Com isso, não tem erro, é evento lotado toda semana.

As barraquinhas de comida faturam bem, mas o que certamente lucra muito é o bar, além dos camelôs que ficam ao redor da praça vendendo cerveja. No time dos camelôs tem as crianças, quase sempre meninas negras, que vendem *drops*, oferecendo-os ao público enquanto perambulam no meio do povo.

Naquele dia, o samba estava especialmente bom, especialmente cheio, e a cerveja estava especialmente necessária... é que o calor estava demais! O samba estava fervendo, uma música seguida da outra, sem pausa, e vamos que vamos! Até que, de repente, um burburinho esquisito na beira da roda fez

os músicos pararem. Ao lado deles, estava uma criança com balas na mão e olhos muito assustados, querendo chorar.

“Aê, galera do apoio, presta atenção! Tem uma menina aqui com a gente que tá perdida. Chegaê!” O clima pesou na hora. A menina começou a chorar. A alegria foi indo embora, deu lugar para um enorme falatório. “Galera, vê legal aí... Ela disse que tava com a tia dela. Ô tia, cadê tu? Tua sobrinha tá aqui!”

Um monte de gente em volta da garota. Mil perguntas ao mesmo tempo, olhares curiosos, de pena e compaixão, um monte de mãos no cabelo e no rosto invadiam o corpinho magro, que parecia ter se tornado público, feito a praça. “Pessoal, enquanto não acharem a responsável da menina, o samba não vai voltar” O público começou a se comportar como uma enorme assembleia. Em todas as rodinhas de conversa, alguém tinha uma opinião sobre a criança e a tia. “Chama o Conselho Tutelar!”, gritou uma moça branca, aparentemente bêbada.

Era uma menina que sempre esteve ali, sozinha, vendendo doces. Mas que, ao ter seu nome anunciado no microfone por estar perdida, foi enxergada. “Calma aê, neném, daqui a pouco alguém chega pra te buscar!”. Quase 20 minutos depois, chegou um menino de aparentemente uns 15 anos. Disse que era o primo dela e que foi junto com a tia buscar cerveja, que tinha acabado. A menina reconheceu o menino e, ainda chorando bastante, o acompanhou para fora da roda. “Vê se não perde mais ela não, hein?”. Todos comemoram a volta do samba e a chegada da cerveja, e a menina deixou de ser perdida e voltou a ser só mais uma camelô.

## IR ÀS COMPRAS

Rita Ribes

Ensaando uma autobiografia, certa vez o escritor Bartolomeu Campos de Queiroz disse que nascera com 57 anos. É que se somavam, à sua, a história dos 34 anos vividos por seu pai e os 23 anos de sua mãe. Sua existência iniciava-se, então, aos 57 anos de idade, tendo por herança a arte combinatória das histórias que o precederam. Muito cedo, aprendera, por exemplo, que, numa festa, o apetite por doces é medido pelos olhos do pai... ou, então, pelas palavras da mãe, que o filho que somos será castigado pelo filho que teremos. Enfim, histórias tão densas e tão complexas que o levaram a questionar o mito da infância feliz já em seus tenros “60” anos.

Pois até o Bartolomeu iria se espantar ao ver, num 26 de dezembro, a menina entrar no supermercado com seus 488 anos acumulados em menos de seis anos de existência. Diferentemente do escritor pra quem mesmo as asperezas da história são tratadas como herança, o que a menina trazia consigo era destino, traçado no dia em que seus ancestrais, tratados como mercadoria, passaram a ser trazidos, escravizados, para o Brasil. Franzina, negra, cabelos presos em trança quase desfeita e um vestido roto e rodado que valseava largo em seu corpinho magro. Entrou saltitante no mercado, singrando os corredores como se adentrasse o Atlântico em livre navegar. Uma parada certeira na prateleira dos doces e, agora, os seus olhos é que se encarregavam do bailado, momentaneamente abandonado pelos pés... Caixas de bombons. Pacotes de balas. Marshmallows. Chocolates. Biscoitos. Pipoca doce. Tanta

coisa... Esticou-se toda, pegou um pacotinho de jujuba pendurado lá no alto e, satisfeita, seguiu seu trajeto pelo mercado, assim como todas as outras pessoas que estavam ali.

Era preciso tanto olhar para ver aquelas coisas tantas que a menina nem percebeu os tantos olhos que, de repente, passaram a olhar para ela. A moça que repunha as mercadorias do setor tratou logo de avisar o segurança, que já se encontrava a postos, ambos negros e desavisados pela arte combinatória de mesclar herança e destino. As senhoras cheirando a talco da *toilette* recém-refeita trocavam entre si olhares e colonialidades, enquanto seguravam a bolsa e reclamavam da carestia... E lá seguia a menina pelos corredores, talvez indiferente, talvez sem saber o poder de encantamento que possui: fazer virar a cabeça das pessoas por quem cruza e escravizá-las a acompanhar o seu trajeto. Em poucos minutos, ela tornou-se o centro de todas as (des)atenções.

Foi então que, com o sorriso de quem acha aquilo que tanto procura, pegou na prateleira uma lata de leite em pó e dirigiu-se para o caixa. Temerosos de serem fulminados com algum pedido, todos os olhares que, até então, se voltavam para a menina, agora ansiavam, unicamente, não serem vistos por ela. Até mesmo o segurança e a moça da reposição envernizaram seu olhar-ferrão com duvidosa piedade. O espírito natalino, decididamente, provara sua obsolescência programada: celulares, panfletos de ofertas, cartazes e até bulas de remédio passaram a receber aquela atenção desatenta que se acovarda à procura de um alibi. Desviando o olhar, supunham fazer a menina desaparecer. Mas lá seguia ela, a quinta da fila, pacientemente cobrando quase quinhentos anos de história com sua simples presença.

Chegada a sua vez, tirou do bolso do vestido roto e rodado um punhado de moedas e uma nota amassadinha de



dez reais que a funcionária do caixa puxou de sua mão antes mesmo que ela pudesse desamassar. Colocou o leite em pó na sacola e fez malabarismos para guardar o troco sem largar da mão o pacotinho de jujuba. Correu para a porta do mercado onde, invisíveis, pai, mãe e irmão de colo a esperavam, carregados de sacolas de outros estabelecimentos. Abraçou os dois agradecendo a jujuba, enquanto os pais agradeciam a ajuda que ela deu. Entregou com cuidado as moedas que sobraram e seguiu, saltitante, deixando-nos para trás, no mesmo lugar privilegiado do cais onde há 488 anos cultivamos, condenados, nossa própria pequenez.

## LIVROS E PANOS

Fernanda Milanez

Ele sempre fica querendo que chegue logo o final, mas quando o livro passa da metade, começa a ficar ansioso e já com saudade. “*Sabia que livro dá saudade?*” diz, lá pelo meio da conversa, pensando nos personagens e nos lugares maravilhosos por onde passou nas últimas páginas. Dá nem vontade de sair de lá! Além disso, e talvez por isso, não goste nem um pouco que nada nem ninguém o interrompa. Mas não adianta, parece até de propósito! É só chegar naquele momento em que alguma coisa vai ser revelada, que para um pra atrapalhar. Às vezes, dá pra fingir que não vê, “*só abaixar mais a cabeça e se fazer de surdo*”, diz. Se tiver sorte, o importuno se afasta. Mas tem uns que são insistentes mesmo e falam, perguntam, pedem opinião. Será que não percebem como as pessoas ficam entretidas quando vai chegando a melhor parte do livro?

E o menino vai mudando de posição várias vezes, o corpo todo se remexe, se encolhe, se espicha, dando mil voltas no mesmo lugar. E os olhos? Ah, esses ficam vidrados, fixados naquela trama, movendo-se levemente de um lado para o outro, o suficiente para dar conta das palavras responsáveis pelo reboição interno que acontece, como quem vive mesmo o enredo lá de dentro, ainda mais quando se trata dessas trilógias de tirar o fôlego. Quem vai passando por ali para só pra reparar como ele fica: o olho arregala, a respiração acelera e, às vezes, solta uma gargalhada de estremeecer o quarteirão! Aí, junta mais gente ainda.

Eu fui uma dessas que me aproximei na hora em que ele conversava com alguém, respondendo que, de toda a saga do Harry Potter, o primeiro – Harry Potter e a pedra filosofal – foi, disparado, o melhor. Depois, é a nossa conversa que desenrola. Falamos sobre gostar muito de ler, sobre ler no ônibus e no trem. E a escola, pergunto? “*Gosto não*”.

Curto e grosso, vai mudando de assunto e me pergunta se eu já sabia que a moça que escreveu esses livros inventou um outro nome pra ela mesma, só pra não ser reconhecida e escrever uns outros, que são: “O Chamado do cuco” e “O bicho da seda”. Me pergunta, de novo, se eu já sabia disso e respondo que “*sim, minha filha, que também adora essa escritora, me contou*”, respondi. “*Cadê ela?*” “*Está na cidade onde moramos, Friburgo*”, respondo. “*Conheço não... mas é igual aqui?*”, ele pergunta. Mexo a cabeça negando, enquanto dou uma olhada na mercadoria arrumada sobre um outro pano maior, vermelho e puído. Digo que minha cidade é bem menor e que levo quase três horas pra chegar lá. “*Então, é perto de onde eu moro... daqui lá, levo duas horas. Pego ônibus e depois o trem!*” Expliquei que, pra chegar na minha cidade, tem que subir uma montanha enorme e a cidade fica lá em cima. Contei pra ele que lá mora muito menos gente do que aqui. “*Ih, tia, então você não sabe de nada... é cada artista que passa por aqui... tem uns que até já falaram comigo! Pra eles eu dou desconto, só pra ganhar autógrafo! E aí, vai levar algum? Um é seis, dois é dez*”.

Foi a primeira vez que o menino se referiu aos panos de prato pintados a mão, razão de estar por ali, sentado embaixo daquele arbusto, em frente a um banco movimentado, naquele bairro da zona sul. Finalmente vou embora, com dois panos de prato e a promessa de voltar levando outros livros pra ele. Passos à frente, escuto duas senhoras que se aproximam e, cumprimentando-as, ele diz: “*cadê meu livro?*”.

# ENCONTRO

Cristina Muniz

Passeio bom não se faz sozinha! Talvez por isso, como professora, sempre gostei de passear com crianças. Parque da Catacumba. Quinta da Boa Vista. Praia de Copacabana. Parque de Madureira. Alguns lugares escolhidos pelas crianças, outros por mim. Foi no meio dessas escolhas que ir a um *shopping* do subúrbio apareceu como uma proposta das crianças moradoras e frequentadoras desse *shopping*.

Nunca gostei desse tipo de estabelecimento, uma caixa de vidro rodeada de vitrines que convidam a entrar e consumir aquilo que a gente nem precisa. Uma ilusão de passeio – é como vejo esse lugar. Mas as crianças, não. Dizem que lá *dá para correr, para brincar e, quem não conhece, aprecia!* Uma professora pesquisadora, crítica do consumo, concordaria em levar crianças para passear num *shopping*? Nem pensar! Mas também, como assim? Uma professora pesquisadora não ouviria as crianças? Nascida e criada num bairro de classe média da zona sul do Rio de Janeiro, resolvo aceitar a proposta e, no último fim de semana das férias escolares, querendo acreditar que pudesse encontrá-las por lá, vou ao *shopping* do subúrbio. Sozinha.

Já no trajeto de metrô entre a zona sul e a zona norte, fico ali meio perdida, a observar. Crianças sentam no acento preferencial e a senhora bem-vestida reclama muito da falta de educação. Quando vai saltar, ainda na zona sul, chama outra senhora mais distante para ocupar seu lugar, ignorando outros idosos não tão bem vestidos ali ao lado. Embora sendo um

trilho só, o metrô da zona sul não vai até o subúrbio e é preciso trocar de trem. Já na linha da zona norte, crianças pedem ao pai para sentar-se e lhes é oferecido o assento preferencial – todos parecem concordar que estão muito cansadas. Uma moça a quem peço informação se oferece para me levar até a entrada do *shopping*, pois vai saltar naquela estação.

Chegando lá, vejo muitas crianças, todas acompanhadas de suas famílias. Observo por um tempo uma família com um menino que me chama a atenção pelo seu fascínio com a escada rolante. Dão muitas voltas na praça de alimentação, até que se sentam para comer. Na praça, três crianças brincam de pique entre as mesas, sob o olhar atento dos pais, e ninguém reclama – sim, *dá pra correr e brincar no shopping*. Sigo pelos corredores das lojas e me vejo diante de algumas vitrines *apreciando...* Há mais jovens do que crianças contemplando as vitrines. As crianças, em geral, estão de mãos dadas com os pais, pois o *shopping* está bem cheio nesse sábado. Chego até um espaço cercado e com brinquedos, com poucas crianças, a um custo de 14 reais por 15 minutos de uso. Uma placa com tantas normas que, só de ler, ficamos inapetentes para brincar.

Depois de muito rodar por ali, sento no meio da praça de alimentação para comer e vejo um menino que passa vendendo algo pelas mesas e que, tão rápido como apareceu, desaparece. Eu o procuro com os olhos, perguntando-me sobre como ele está ali a vender balas ou algo – atividade proibida em qualquer *shopping*... Logo, ele entra no espaço onde estou e passa pela minha mesa com uma bandeja na mão, vai se sentar atrás. Não olho ainda, reparando no homem que, sentado com a família ao meu lado, o encara com desprezo. Isso se passa até essa família se levantar e sair, e, ainda saindo, o homem continua encarando o menino, suponho, pois não me viro para ver. Somente quando a família sai, volto-me para

trás e vejo o menino com a bandeja, sentado no banco. Vou até ele pensando que sua aparência e performance ali, de alguma forma, interrompe a narrativa que se espera de quem frequenta a praça de alimentação de um *shopping*:

– *Não quer sentar à mesa?*

– *Não, aqui tá bom*, diz ele, olhando aflito em volta.

– *Acho que foi por isso que o homem te olhou daquele jeito.*

*Você pode sentar à mesa pra comer melhor.*

– *Não ligo não, pode me olhar como quiser, estou vendo os seguranças. Eles não deixam vender aqui.*

– *Vem sentar à mesa comigo, podemos conversar?* Ele aceita.

Conto que vim tentar encontrar as crianças que me inspiraram a passear naquele *shopping*. Confesso que é a minha primeira vez ali.

– *Você veio da onde?*

– *Vim de metrô, de Copacabana. A gente troca de linha e salta quase aqui dentro.*

– *Você veio da zona sul? Não teve medo de vir pra cá? Qual estação?*

– *Cantagalo.*

– *Já ouvi falar, tem também o Pavão e Pavãozinho, né?*

– *É. Já trabalhei lá.*

– *Querida mesmo é conhecer a Rocinha, deve ser bacana ver o mar lá de cima!*

Serginho se apresenta me dando seu contato do Facebook. Pergunta meu nome, pois não aceita qualquer um no seu *Face*. Deixa muito do que está no prato, bastante arroz, feijão e um pedaço de frango. Quando lhe pergunto se não vai comer, ele diz que não estava com fome, mas quando pediu dinheiro em

uma mesa, a pessoa foi até o restaurante e fez esse prato. Não perguntou a ele o que queria, ou se queria comer, avalio. O cardápio parece dizer também de um presumido quanto ao outro que se supõe carente de alimento, e lembro-me do samba da Tuiuti, vencedor do carnaval deste ano: “... ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz!”.

Ele conta de sua vida, fala das favelas da zona sul e de onde mora e circula, no Jacarezinho e na Mandela, duas favelas ali do entorno. Demonstra ainda conhecer tudo sobre as facções do tráfico, trabalho para o qual já foi convidado pelo namorado da tia. Saiu da escola este ano na sexta série, mas gosta de matemática, história e educação física. Sua mãe teve que ir embora depois de um trágico acidente, e ele fica cada dia na casa de um parente. Alguns gostam dele, outros não.

– *Você vende o quê? Bala?*

– *Hoje não vendi nada. O mercadão estava fechado, mas fiz 60,00 reais, mostra, tirando do bolso, orgulhoso, as notas dobradas entre os dedos.*

– *E como fez esse dinheiro?*

– *Eu falo assim: intera para pagar um lanche?*

– *Ah. E você tem planos para essa grana?*

– *Sim, vou juntar até cem e colocar aparelho no dente.*

– *Mas cem reais dão pra colocar aparelho?*

– *Lá no morro dá!*

– *Pra quê? Seus dentes são lindos!*

Ele sorri largo e diz que, então, vai comprar um tênis da NIKE, pois, na favela, dá para comprar também.

– *Serginho, o que você gosta no shopping?*

– *Não, eu venho vender ou pedir dinheiro.*

Insisto, lembrando o que as crianças falaram sobre o

“apreciar” e ele diz que não dá para curtir sem dinheiro, pois tudo tem que pagar. Nessa hora, olha os cartazes dos filmes bem à nossa frente e diz que quer ir ao cinema. Vamos comprar seu ingresso, mas ele não consegue entrar. Estava sem documento. Desiste.

Anuncio que vou embora e ele faz questão de me acompanhar até a entrada do metrô. Ali, no miúdo desse encontro, sentados à mesa por alguns momentos, trocando olhares e conversas sobre a vida, sinto um vínculo concreto que nos une na igualdade de uma comunidade possível. Com esse sentimento, vou caminhando com esse menino até a entrada do metrô. Nos abraçamos. Serginho me espera entrar e diz: *cuidado! Vai com Deus!*



## O PEQUENO NOTÁVEL

Raíza Venas

Muita gente! Casa do Jongu lotada, como de costume. Calor, alegria, falatório. Era intervalo do Samba na Serrinha e os músicos da roda estavam conversando com o público, uma grande mistura de gente, família, amigos, visitantes, gringos, jornalistas.

Estou, da escada, só olhando o movimento... acho que é o lugar com mais gente preta por metro quadrado do Rio. É tanta gente linda que deslumbra e quase enjoa.

Vejo ele chegando pela lateral da escada, quase remando. Igual um pinguim, gordinho, carimbando um pé de cada vez no chão. Dessa vez, estava de chinelo, mas o barrigão estava à mostra como sempre, sem camisa, suado, meio sujo e queixo levantado.

Sobrancelha franzida, olhar que parecia procurar alguma coisa ou qualquer coisa. Vai andando e esbarrando nas pessoas, a maioria nem percebe, e quem percebe não se incomoda, e se por acaso se incomodar, não recebe nem um pedido de desculpas.

Quando se aproxima da roda, onde os músicos ainda estão por perto, ele é notado imediatamente “Olha ele aí”.

Alguns sorrisos de cumprimentos, uns apertos de mão, umas passadas de mão na cabeça... Os músicos já sabem: “Fica de olho no instrumento porque ele é mexilhão!”

Ele senta na cadeira de um dos músicos e os pés quase não tocam o chão. As pernas roliças ficam balançando e ele olhando

em volta, examinando tudo. Presta atenção na conversa dos outros, mexe no pandeiro, mexe no tamborim, puxa a camisa de um adulto... “Não vai ter samba não?!” –pergunta de cara feia, como se estivesse fazendo uma exigência.

João mexe no umbigo dele só para implicar. Ele não gosta, ameaça um soco e o João briga com ele como se tivesse razão e o direito de irritar a criança só porque é adulto.

João é músico e fundador do Samba na Serrinha. Enzo é fundador da bagunça, morador da Serrinha e camarada do João. Os dois ora parecem melhores amigos, ora parecem piores inimigos.

O samba vai começar.

“Sai daí moleque, vou tocar!”

A contragosto, ele sai da cadeira e começa o batuque. E começa a peregrinação. E começa a perturbação do Enzo.

Ao redor da roda, rapidamente forma-se uma aglomeração de pessoas. Na primeira música é muita gente, quando começa a segunda é gente demais, na terceira já não dá para andar, não dá para mudar de lugar, quase não dá para respirar. Mas, inexplicavelmente, dá para todo mundo bater palmas e sambar miudinho.

E para o corpinho gorducho do Enzo, nem parece que o lugar está tão cheio. Ele anda pelas pessoas com facilidade. Como?! Impossível explicar a desenvoltura dele.

Enzo começa a rodear a roda. Andar em círculo e passar pelos músicos, um por um. “Deixa eu tocar aí?!” “Ei, me empresta um pouquinho!” “Posso tocar?”

“Calma aí cara!” “Tu sabes tocar?” “Depois! Deixa acabar essa música”, “Toca aí, vai!”, “Toca comigo, então. ” “Bate na palma da mão”.

Cada um dá uma resposta, mas ele parece nem ouvir. Vai metendo a mão antes do sim ou do não. Bate forte nos instrumentos, sem jeito, até levar um passa-fora. Sai fazendo uma cara feia forçada para parecer chateado.

Ele já faz parte do samba, e contribui desorganizando. É um componente daquela harmonia.

Eu dou risada. E segue o samba.

# OBJETO DE MUSEU

Patrícia Desterro

Quem visitava o Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, de segunda a sexta-feira, podia ouvir, já da entrada, o burburinho da criançada. Subindo as escadarias de mármore, logo após passar pelo meteorito de Bendegó, as crianças encontravam algo que mexia com elas. Não havia uma que lhe fosse indiferente. Em meio a tantas maravilhas, a objetos de culturas passadas, estava lá algo que para os adultos servia para um descanso breve, mas que convidava as crianças para algo mais.

Não sei se era pela cor vermelha ou pela forma, mas ele atraía a atenção das pessoas de pouca idade. Era uma maravilha de se ver. Alguns adultos tentavam contê-las, mas não era coisa fácil e talvez fosse algo impossível.

Dia de visita escolar. Aquela algazarra, criançada querendo subir para ver dinossauro e múmia, mediador querendo apresentar o museu. *Vocês sabem de onde viemos?* – diziam do primeiro degrau da escadaria de mármore ou perto do maior meteorito já encontrado em terras tupiniquins. Criançada curiosa, falatório geral. Professora pede silêncio. Mediadores se olham, um misto de nervoso e de ansiedade. Muitos iniciaram naquele ofício há pouco tempo e a turma estava agitada. Cerca de 25 crianças da 1ª série do Fundamental. Um monte de guris de seis e sete anos. Muita energia para gastar e muita curiosidade.

*Atenção com a escada! Vamos ver o que tem lá em cima. Pessoal, atenção aqui! Podem sentar-se aqui!* – Fala um mediador, apontando para o banco. Como disse, era apenas

um banco vermelho, mas ele despertava algo nas crianças. Elas não aceitavam que aquele banco, que fazia uma angulação nas extremidades, não fosse um escorrega. Ora, bolas! Como não?!

*Crianças, não escorreguem! Não pode!!! Parem com isso! Ei, você! Maurício! Sente-se aqui no chão! Olha, preste atenção!!!*  
– Diziam as professoras.

O banco vermelho era um marco. Costumávamos apostar quanto tempo as crianças resistiriam a ele, sem escorregar. Não encontrei nenhuma que não se permitisse escorregar por ele. Cá entre nós, às vezes, até eu ficava com vontade.

## SESSÃO DE CINEMA

Luciana Bessa

Três horas e meia após sair de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, enfim, elas chegaram à zona sul da cidade. Eu não sei dizer quem estava mais ansiosa por aquele momento, se eu ou aquelas trinta crianças de quatro e cinco anos que, desde as 7h, estavam dentro de um ônibus percorrendo a cidade em busca do cinema. Quando a porta do ônibus abriu, o que se seguiu não era bem o que eu imaginava que fosse acontecer naquela manhã de quarta-feira.

“Um atrás do outro, que nem gafanhoto!”, insistia a professora, tentando organizar em vão uma fila de crianças. Depois de muitos empurrões, o comboio de *gafanhotos* partiu saltitando pelo corredor até o elevador. Na antessala do cinema, as crianças foram colocadas sentadas no chão.

*\* Parada para a selfie!*

“Antes de começar a sessão”, disparou a professora, “vamos fazer a foto”. Bastou dizer a palavrinha mágica, *foto*, que as crianças rapidamente se levantaram e se organizaram em uma pose. Elas pareciam hipnotizadas pela lente da câmera do celular. Algumas pediram para ver como ficou e insistiam em tirar outra foto, porque não tinham ficado bem. Depois de algumas idas e vindas e muitas poses, a foto da turma foi compartilhada no *zap*.

*\* O filme já vai começar!*

Ao entrarem na sala escura, com poltronas reclináveis

vermelhas, o silêncio recaiu pela primeira vez sobre o grupo de crianças. O tamanho grande da tela não passou despercebido. Vários dedinhos apontavam para a telona ao passarem perto dela. As crianças, aos poucos, foram se acomodando e sentando em seus lugares. As cadeiras engoliam aqueles corpos pequenininhos. Alguns tão leves que não conseguiam manter a cadeira aberta. Era necessário ter ajuda da professora, nesses casos. Os pezinhos, totalmente fora do chão, balançavam inquietos, para lá e para cá.

*\* Cadê o público?!*

De repente, olho para sala e vejo que as crianças saiam para o banheiro, mas não voltavam aos seus lugares. Um certo burburinho tomou conta do ambiente. “É mágica!”, “Você encosta a mão e sai água”, “É mágica!”. A organizadora do festival me interpelou para saber quando poderia começar a exibição. Eu, então, fui atrás das crianças no banheiro para entender o que estava acontecendo. Foi aí, então, que descobri o motivo de tanto alvoroço. No banheiro, uma fila de crianças *experimentava* a torneira que abria apenas ao toque da mão. Eram gargalhadas e mais gargalhadas e muitas caras de espanto. Talvez o filme exibido naquele dia não fosse lembrado no futuro, mas, com certeza, aquela experiência com a torneira não seria esquecida. Seria o assunto de muitas delas ao retornarem à escola e encontrarem seus colegas e familiares. Foi difícil acabar com a fila e fazer a garotada retornar à sala de cinema, mas, depois de muito esforço, eu e as professoras conseguimos colocá-las em seus lugares.

*\* Agora, sim, o filme vai começar!!!*

Quando a luz apagou e a sessão começou, olhei ao redor, para ver a reação delas diante do filme. A maioria estava

dormindo!!!!!! Muitas coisas se passaram na minha cabeça: será que elas não gostaram do filme? Será que o filme era chato? Decepcionada, resolvi me entregar ao filme. Foi quando ouvi uma gargalhada que vinha da fila da frente. Era uma menina de pouco mais de quatro anos, sentada de joelhos na poltrona para ver melhor a tela. Ela ia contando alto o que via no filme. O dedo ajudava a nomear o que ia reconhecendo na tela. A professora, sentada na fileira de trás, tentava em vão fazer a menina ficar quieta e assistir ao filme. Depois de algum tempo, a menina tentou sentar corretamente na cadeira, mas não deu certo, pois a cadeira se fechava com ela. Parecia que ela iria escorregar pelo vão e cair. Sem tirar os olhos da tela, ela voltava, então, a ficar de joelhos na cadeira.

Esse senta, fecha e abre durou boa parte da projeção. A professora trocou de lugar para ficar entre dois meninos que resolveram chutar as poltronas dos colegas da frente. Do meio até o final da sessão, a menina assistiu ao filme do seu jeito: cantando, levantando, apontando, rindo e até em silêncio.

*\* Acorda, o filme acabou!*

Quando as luzes se acenderam, foi necessário acordar algumas crianças, que dormiam profundamente nas poltronas estofadas vermelhas no ar condicionado. Zonzas, elas voltavam que nem *gafanhotos* para a fila, para pegar o ônibus e voltar para Campo Grande.



# PIPOCAS

Rita Ribes

“Tá saindo pipoca quentinha”, freguesa – diz o pipoqueiro, enquanto roda a manivela da panela, impregnando tudo em volta com o aroma e o som inconfundível do seu espocar. Duas meninas, ao lado da mãe, se encantavam vendo o monte se formar, enquanto a mãe procurava os trocados na bolsa. Foi nesse mesmo lapso de segundo em que a semente espoca e se reveste de cheiro e de cor que o olho do pipoqueiro, feito óleo quente, encontrou o peito da menina maior espocando sob o vestidinho. Encontrou também o olho da menina. E o tempo lascivo da espera titubeou entre agrados e incômodos. Pacotinhos entregues, a menina pequena devorou rapidamente as pipocas de modo que o pacote já estava pela metade quando a mãe, enfim, efetuou o pagamento. O pipoqueiro, sorridente, completa o pacotinho da pequena, recebendo dela muitos sorrisos em troca. Se despedem. “Ele gosta de crianças”, dizem outras duas freguesas entre si. Ele gosta de criança...

# CEP

Caroline Trapp de Queiroz

O CEP mais disputado do Rio de Janeiro é a rua. Não, não falo da boa e velha ocupação das calçadas pela resistência do samba, da poesia ou da cervejinha gelada nas noites de calor. Falo mesmo do contexto que tem obrigado diversas famílias a fixar residência no limiar, aquela soleira que outrora separava a rua da casa. Quando a rua vira casa, pode parecer que a fronteira foi transposta, mas há no ato de morar indícios que rabiscam tímidas delimitações, facilmente e quase sempre transpostas pela precarização: o par de chinelos deixado do lado de fora, os tapetes que forram o chão e o ajudam a manter-se limpo – afinal, casa suja é questão séria para o Conselho Tutelar –, o pedaço de madeira como porta de entrada, as sacolas e bolsas que fazem vezes de mobílias, os setores tão caprichosamente divididos entre documentos, roupas, remédios, comida e brinquedos.

Nada explica melhor a cisão rua e casa do que a criança espiando da porta para dentro, ciente da violação da intimidade que comete, ainda que em plena calçada pública. O dentro no fora. O fora de dentro. O lar como demarcador. Identidades calcadas na ondulação das camadas de papel que, tramadas, vão compondo o papelão, matéria-prima das camas, janelas, paredes, berços... A criança que, parada na rua, espia a vida alheia por entre as frestas da frágil casa, carrega consigo uma sombrinha estampada com personagens do famoso filme *Toy Story*. Nele, os brinquedos que chegam às mãos da criança, acomodados em caixas de papelão personalizadas

e embrulhadas em bonitos papéis de presente com laços, possuem vida, mas claramente não são humanos. Aos olhos da criança que espia, uma realidade que corrobora a ficção. Nela, também há vidas acomodadas em caixas de papelão. Estas, sem embrulho e sem laços, revelam em si amarras de uma história que ninguém parece querer contar, ou ouvir... Uma realidade que também testemunha a ruptura entre vida e humanidade. Existir não basta. É preciso algo mais para se tornar gente aos olhos de um outro que vê, mas não enxerga.

Então iniciado às perversas contradições da desigualdade, essa que embaça a vista e amarga a boca, talvez o que o menino que espia procure, em sua sincera curiosidade, ao olhar para dentro da casa de rua, na rua, seja justamente o alento que só uma resposta ilusória é capaz de oferecer à questão que a concretude do absurdo evoca: que diferença fundamental existe entre ele e o morador que ali reside?

## SEM NOME

Rita Ribes

Rudeiras. Ainda ontem, soube que esse é um nome utilizado para se referir àquelas que crescem espontaneamente nas ruas, calçadas, terrenos baldios, beiras de muros. Por terem de disputar suas condições de sobrevivência, elas passam a ter uma enorme capacidade de adaptação às novas situações e é justamente isso, vejam só, que lhes dá um elevado grau de rusticidade e que acarreta a sua intermitente dispersão. Supostamente sem grande valor econômico, despertam pouco interesse, embora com grande poder curador.

Rudeiras. Não. Não estou falando de crianças, essas que proliferam cada vez mais pelas ruas, pelas cidades, pelos campos, pelos muros, pelas fronteiras à beira do mundo e à margem de qualquer refúgio. Não estou falando dessas que têm de se adaptar uma vez mais e sempre de novo aos abrigos, marquises, assentamentos, campos de refugiados, disputando desimportâncias cotidianas para sobreviver, enquanto em seu nome um imenso mercado se movimenta e faz de tudo para que elas não mudem de condição. Supostamente sem grande interesse econômico, a pobreza gera lucro.

Não. Não estou falando das crianças. Rudeiras são espécies de plantas, daquelas que crescem espontaneamente em calçadas, terrenos baldios, beiras de muros... Há manuais para nomeá-las, descrevê-las e classificá-las: Beldroega. Arnica. Rubiácea. Amor-do-Campo. Quebra-pedra.

As outras? Ah! As outras, as crianças, seguem inclassificáveis. Sem Manual. Sem ter quem as olhe. Sem Nome.

E como é difícil honrar os sem nome.

## AUTORES

**Caroline Trapp de Queiroz** – Licenciada em História pela Universidade Gama Filho. Pedagoga e Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desenvolve o projeto pesquisa sobre crianças e suas condições de moradia. Professora do Curso Pré-Vestibular Social do Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas Estaduais do Rio de Janeiro.

**Cecília Schubsky** – Graduada em História e Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora da Escola Oga Mita. Autora da Tese “Relicários e quinquilharias: caixas de memórias e narrativas de crianças”. Disponível no site [www.proped.pro.br](http://www.proped.pro.br)

**Cristina Muniz** – Graduada em Educação Física. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório Brinquedoteca ISERJ. Autora da Tese “Passeios com crianças: cidade em tensão”, que pode ser acessada no site [www.proped.pro.br](http://www.proped.pro.br)

**Débora Soares** – Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desenvolve o projeto de monografia sobre crianças nos ônibus municipais da cidade do Rio de Janeiro.

**Fernanda Milanez** – Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ. Professora de Educação Infantil e apresentadora de programa de rádio para crianças. Mãe do Gabriel, da Flora e da Antônia. Avó do Cauê. Desenvolve atualmente pesquisa sobre crianças refugiadas.

**Juliana Viegas** – Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desenvolve pesquisa sobre as Fisionomias da infância no cotidiano dos trens do Rio de Janeiro.

**Luciana Bessa** – Graduada em Comunicação Social pela Faculdade Hélio Alonso. Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desenvolve projeto de pesquisa sobre infâncias que se mostram em seu cotidiano nos filmes produzidos por crianças.

**Núbia Santos** – Licenciada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Educação Infantil e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Patrícia Desterro** – Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Técnica em assuntos educacionais da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional/UFRJ. Desenvolve pesquisa sobre memórias de crianças sobre o Museu Nacional.

**Patrícia Trindade** – Graduada em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do

Estado do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Campus Parintins. Pesquisa sobre o Cotidiano das crianças ribeirinhas da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú – Parintins, AM.

**Perseu Silva** – Professor formado no Curso Normal no Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral. Bacharel e Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Mestre em Educação pelo ProPed/UERJ. Autor da Dissertação “Fisionomias das infâncias contemporâneas na cibercultura: crianças em vídeos virais”. Docente há cerca de 15 anos, com atuação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Docente do Departamento de Anos Iniciais do Colégio Pedro II.

**Raíza Venas** – Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora da Dissertação “Tem criança na roda: percepções da infância nas rodas de samba”.

**Rita Ribes** – Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. Bolsista Prociência UERJ/FAPERJ e Bolsista de Produtividade CNPq. Coordena o Projeto de Pesquisa “Fisionomias da infância: experiências cotidianas, alteridades e deslocamentos”.

# POSFÁCIO\*

Gilka Girardello

Sabe pouco quem só estuda os livros e não olha o mundo. O pessoal que escreveu este livro não poderia estar mais longe disso. Estudiosos sérios das relações entre as crianças e a cultura, os autores destas crônicas saíram à rua, lançando ao tal “mundo contemporâneo” um olhar infantil no melhor sentido, curioso, comovido e perplexo. Acabaram conseguindo iluminar coisas que, de tanto ver, a gente às vezes já nem enxerga mais. Nessa atenção ao aparentemente miúdo, como as crianças que eles descobrem nas beiradas da cidade, fica nítida a inspiração de Walter Benjamin, raras vezes seguido tão pra valer como aqui.

Eles escolheram traduzir esse olhar na forma de crônicas – gênero que recorta o tempo vivido, compondo, um a um, pedacinhos de mosaico. E assim nos fazem lembrar o que dizia outro mestre, Antônio Cândido: “O tempo é o tecido de nossas vidas”. Ouvindo histórias nos ônibus e trens, acompanhando cenas urbanas em calçadas e esquinas do Rio, os autores aguçaram a escuta e o olhar para as crianças pobres, cuja infância está sendo vivida hoje, do jeito que dá e à margem da barbárie, porque elas só têm o hoje para serem crianças.

Nós, pesquisadores da infância, costumamos dizer que a primeira tarefa dos educadores é educarem a si mesmos. Sim, porque é estranho pregar uma educação imaginativa sem cultivar nossa própria imaginação, assim como é estranho defender retoricamente os direitos das crianças, ao mesmo tempo em que se desvia o olhar dos meninos que vendem balas e panos de prato

---

\* Texto originalmente publicado na orelha da primeira edição impressa



pelas avenidas do nosso país. Na escuta acolhedora a algumas dessas crianças, ensaiando novos olhares e linguagens que pudessem dar conta da intensidade humana desses encontros, e explorando as veredas da literatura também pelo lado da autoria, os pesquisadores do Grupo Infância e Cultura Contemporânea nos dão aqui mais uma generosa lição: mostram o que pode a sensibilidade aliada à indignação, neste tempo hostil à poesia, à arte, à liberdade – hostil à infância, portanto. Na primeira pessoa vigorosa que se faz ouvir nos testemunhos éticos e estéticos aqui reunidos, seus autores dizem às crianças que os povoam:

“Estou aqui. Agora. E te vejo.”

© **NAU Editora**  
Rua Nova Jerusalém, 320  
CEP: 21042-235 - Rio de Janeiro (RJ)  
Tel.: (21) 3546-2838  
www.naueditora.com.br  
contato@naueditora.com.br

**Coordenação editorial:** Simone Rodrigues  
**Revisão:** Miguel Farah Neto e Andréa Feitosa  
**Projeto gráfico e editoração:** Estúdio Arteônica  
**Foto da capa:** Breno César

**Conselho editorial:**  
Alessandro Bandeira Duarte – UFRRJ  
Claudia Saldanha – Paço Imperial  
Francisco Portugal – UFRJ  
Ivana Stolze Lima – Casa de Rui Barbosa  
Maria Cristina Louro Berbara – UERJ  
Pedro Hussak – UFRRJ  
Roberta Barros – UCAM  
Vladimir Menezes Vieira – UFF

FICHA CATALOGRÁFICA  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

---

**V448i Venas, Raíza; Ribes, Rita (org.).**

Infância Crônica / Organizadoras: Raíza Venas e Rita Ribes. - 2. ed. - Rio de Janeiro:  
NAU Editora, 2025. 91 p.  
E-book: 1 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

**ISBN 978-85-8128-147-6.**

1. Crônicas. 2. Educação. 3. Infância. 4. Pesquisa com Crianças. I. Título. II. Assunto.  
III. Organizadoras.

CDD 305.231:869.9308

CDU 343.6:82-94(81)

